



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANA CAROLINE DA PAZ SANTOS

**AS MARGENS DO RIO POXIM: UM ESTUDO ACERCA DAS SOCIABILIDADES
DA PAISAGEM.**

SÃO CRISTOVÃO

2025

ANA CAROLINE DA PAZ SANTOS

**AS MARGENS DO RIO POXIM: UM ESTUDO ACERCA DAS SOCIABILIDADES DA
PAISAGEM.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel (a) em Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe (UFS), Departamento de Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael.

SÃO CRISTOVÃO

2025

ANA CAROLINE DA PAZ SANTOS

**AS MARGENS DO RIO POXIM: UM ESTUDO ACERCA DAS SOCIABILIDADES DA
PAISAGEM.**

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Sergipe em 18 de fevereiro de 2025.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael.
(Orientador)

Prof.^a Dr^a Simone de Araújo Pereira.
(Membro Convidado – Interno)

Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia.
(Membro Convidado – Interno)

*Dedico esse trabalho as mulheres da minha vida:
Idália, Karinne e Nenzinha. Eu sou porque vocês
existem.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, a Deus e São Cosme e São Damião, cuja inserções e proteção me acompanharam ao longo desta jornada.

A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e incentivo de muitos humanos e não humanos, os quais sou profundamente agradecida. Assim, agradeço aos meus familiares, por todo o amor, compreensão e suporte. Em especial a minha mãe Idália, minha tia Nenzinha, meu Pai Antônio, e meus irmão Luciano, Lucas, Kaio e Karinne, vocês foram minha base nos momentos mais desafiadores e minha inspiração para seguir em frente.

Agradeço a Universidade PÚBLICA e Federal de Sergipe por proporcionar os recursos necessários para minha formação acadêmica. Sou grata aos programas de auxílios e bolsa de Iniciação Científica por me contemplar durante vários semestres enquanto bolsista remunerada. Com certeza, sem esses programas a minha permanência e conclusão de curso não seria possível.

Minha gratidão ao corpo docente do departamento de Ciências Sociais -DCS por todo conhecimento transmitido. Em especial, ao meu orientador e grande amigo, Ulisses Neves Rafael, que me acompanha desde o começo da graduação. Meu muito obrigada, pela paciência, dedicação e pelas contribuições durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos e colegas de curso, que estiveram comigo durante todo esse processo. Ao meu eterno grupo, “Tai”. Agradeço a Lucas André pelo companheirismo constante. A Maria por tudo que sua amizade me trouxe. A Zé por me acompanhar nesses últimos sete anos da minha vida. A Gabriel Ruivo e Ivo pela paciência em me ouvir. A Louise pelas cervejinhas tomadas e conversas imprevisíveis.

Ao meu colega de pesquisa, de trabalho científico e agora de mestrado, Igor Tadeu, sou imensamente grata pela troca que tivemos desde o começo do PIBIC. A Mary e Renata, sou grata pelos momentos de risadas e desabafos, vocês foram conforto nessa jornada.

Agradeço, em especial, a minha companheira Laura Beatriz, obrigada pelas eternas horas que você me ouviu falar sobre esse trabalho e por sempre acreditar em mim.

Deixo uma menção honrosa a minha prima Luiza Marcelle, cuja presença na minha vida perpassa anos. E aos meus gatos, Aki e Simba, meus companheiros, que estiveram comigo nas tardes infinitas de elaboração desse trabalho.

E por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus interlocutores e a todos os moradores do rio Poxim que direta ou indiretamente contribuíram para a formação e condução dessa pesquisa. Meu muito obrigada!!

RESUMO

Aracaju foi fundada sob o signo da modernidade, no entanto, seu projeto urbano se contrapôs às razões geográficas que tanto influenciaram a sua criação. O processo de urbanização gradual, não pode acolher o contingente populacional que vinha para cidade em busca de melhores condições de vidas. A expansão urbana posterior resultou em um desenvolvimento desordenado que deixou atrás de si regiões com baixa qualidade de vida. Na atualidade esse complexo habitacional criou uma espécie de isolamento físicoantropológico que imprime a algumas áreas da cidade um certo tipo de insularidade, ao manter a população em meio a enclaves residenciais. Assim, este trabalho tem como objetivo principal investigar, a partir de um olhar antropológico, as dinâmicas de sociabilidade das populações que circundam a bacia hidrográfica do rio Poxim no município de Aracaju-SE, o qual, considerando sua elevada densidade populacional, destaca-se por abrigar diversas formas de sociabilidade cotidiana, vivenciadas por moradores situados tanto em zonas nobres da cidade quanto em áreas mais periféricas.

Palavras Chaves: Aracaju; Rio Poxim; Sociabilidades; Populações Ribeirinhas.

ABSTRACT

Aracaju was founded under the sign of modernity, however, its urban design ran counter to the geographical reasons that so influenced its creation. The gradual urbanization process could not accommodate the population contingent that came to the city in search of better living conditions. Subsequent urban expansion resulted in disorderly development that left behind regions with a low quality of life. Today, this housing complex has created a kind of physical-anthropological isolation that gives some areas of the city a certain type of insularity, by keeping the population in the middle of residential enclaves. Thus, the main objective of this work is to investigate, from an anthropological perspective, the dynamics of sociability of the populations that surround the Poxim River basin in the municipality of Aracaju-SE, which, considering its high population density, stands out for housing various forms of daily sociability, experienced by residents located both in the city's upscale areas and in more peripheral areas.

Keywords: Aracaju; Poxim River; Sociabilities; Riverside Populations.

RESUMEN

Aracaju fue fundada bajo el signo de la modernidad, sin embargo, su proyecto urbano contradecía las razones geográficas que tanto influenciaron su creación. El proceso de urbanización gradual no pudo dar cabida a la población que llegó a la ciudad en busca de mejores condiciones de vida. La expansión urbana posterior dio lugar a un desarrollo desordenado que dejó regiones con una baja calidad de vida. Hoy en día, este conjunto habitacional ha creado una especie de aislamiento físico-antropológico que otorga a algunas zonas de la ciudad un cierto tipo de insularidad, al mantener a la población en enclaves residenciales. Así, este trabajo tiene como objetivo principal investigar, desde una perspectiva antropológica, la dinámica de sociabilidad de las poblaciones que rodean la cuenca del río Poxim en el municipio de Aracaju-SE, que, considerando su alta densidad poblacional, se destaca por albergar diversas formas de sociabilidad cotidiana, experimentadas por residentes ubicados tanto en zonas nobles de la ciudad como en zonas más periféricas.

Palabras clave: Aracaju; Río Poxim; Sociabilidades; Poblaciones ribereñas.

LISTAS DE ABREVIATURAS

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

PDM – Plano Diretor Municipal.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 01 – Mapas referente ao assentamento da cidade de Aracaju.....	19
Figura 02 – O quadrado de Pirro em destaque no mapa.....	22
Figura 03 – Evolução Urbana, Aracaju, 1855 a 2013.....	28
Figura 04 – Mapa com a indicação da localização do rio Poxim em Sergipe.....	29
Figura 05 – Aracaju: Evolução da Mancha Urbana.....	30
Figura 06 – Ponte Juscelino Kubitschek sobre o Rio Poxim, 1957.....	31
Figura 07 – Formação da Coroa do Meio na desembocadura do rio Sergipe.....	33
Figura 08 – Fachada da Associação de Pescadores da Coroa do Meio.....	34
Figura 09 – Embarcações as margens da Draga.....	34
Figura 10 – Garça Branca alçando voou.....	36
Figura 11 – Vista panorâmica do Rio Poxim.....	36
Figura 12 – Ponte Juscelino Kubitschek, situada sobre o rio Poxim, que liga o Bairro da Atalia ao Centro da cidade.....	37
Figura 13 – Homem em meio a amontoados de lixo ao leito rio Poxim.....	38
Figura 14 – Canos de esgoto direcionados ao rio.....	39
Figura 15 – Vista panorâmica da comunidade do Pantanal de dentro do Rio Poxim.....	39
Figura 16 – Visão ampla do rio Poxim e do conjunto de edifícios do bairro Jardins.....	40
Figura 17 – Vista panorâmica da cidade dentro do Rio Poxim.....	41
Figura 18 – Vista do Rio sob a ponte Godofredo Diniz, que interliga o bairro Jardins e Coroa do Meio.....	41
Figura 19 – Lago Artificial (Draga) da Coroa do Meio com algumas embarcações ancoradas.....	45
Figura 20 - Associação de Pescadores da Coroa do Meio.....	47
Figura 21 – Vista do Rio Poxim dentro da Comunidade do Pantanal.....	51
Figura 22 - Grafite na Comunidade do Pantanal.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 01 - REFLEXÕES TEÓRICAS REFERENTE A RIOS E POPULAÇÕES RIBEIRINHAS	
1.1 RIOS E CIDADES.....	05
1.2 A INTERAÇÃO DAS POPULAÇÕES RIBEIRINHAS COM O MEIO ECOLÓGICO SOB A PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA.....	09
CAPÍTULO 02 – ENTRE RIOS E RUAS: TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA PAISAGEM DE ARACAJU	
2.1 A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL.....	14
2.2 OS CAMINHOS DA NOVA CAPITAL.....	17
CAPÍTULO 03 – O RIO POXIM NO DESENHO URBANO DA CIDADE DE ARACAJU.....	29
3.1 A DINÂMICA DAS PAISAGENS: INCURSÕES A CAMPO.....	32
CAPÍTULO 04 - A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO PANTANAL E DA COROA MEIO SOBRE O RIO POXIM.....	41
4.1 OS PESCADORES DA COROA DO MEIO.....	43
4.2 AS MORADORAS DO PANTANAL.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

“O rio é também a mãe que tudo provê. A água, o peixe, o caminho. Ele nos transporta, ele nos embala” (Dirce de Assis Cavalcanti, 1998)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um desdobramento da pesquisa de iniciação científica (PIBIC), da qual participei como bolsista remunerada por dois anos. Naquela pesquisa realizei uma cartografia social da malha fluvial que envolve a região da Grande Aracaju, especificamente dos três rios: Poxim, Sergipe e do Sal. Durante a condução da pesquisa fiz o percurso terrestre e fluvial desses três rios como também busquei estabelecer contato prévio com os moradores dessas regiões. Dessa forma, constatei que os rios sempre representaram um elemento marcante na paisagem e nos modos de vida dos moradores de Aracaju.

Aracaju é uma cidade, cuja geografia é caracterizada pela presença das águas. A cidade surgiu em meio a natureza hostil que caracterizava o ambiente físico original, predominantemente marcado pela presença de mangues, pântanos e alagadiços.

Sob esse aspecto, os primeiros anos da capital (1855–1921) foram marcados pela luta do homem contra a natureza. Com o tempo, a lógica de aterros se sobrepôs à natureza anfíbia da cidade. O processo de urbanização gradual não pode acompanhar o contingente populacional que vinha para Aracaju em busca de melhores condições de vidas. A expansão urbana posterior resultou em um desenvolvimento desordenado que deixou atrás de si regiões com baixa qualidade de vida, cujos arranjos se caracterizavam pelo traçado irregular das ruas e ausência de saneamento.

Na atualidade esse complexo habitacional criou uma espécie de isolamento físicoantropológico que imprime a algumas áreas da cidade um certo tipo de insularidade, ao manter a população em meio a enclaves residenciais. Trata-se da malha fluvial que perpassa a capital e seu entorno, onde habita a população mais humilde, mas não só. Alguns trechos do rio são ocupados, também, por habitações, cujos moradores possuem algum poder aquisitivo. Torna-se, portanto, necessário reconstituir a história social dos moradores que se encontram em áreas recônditas da cidade, onde habitam segmentos da população que passam quase que despercebidos pelas estatísticas, das políticas públicas e dos olhos daqueles que habitam o centro da capital. Da mesma forma, é fundamental considerar o contexto social dos residentes das regiões nobres, muitas das quais são atravessadas pelo rio Poxim.

Meu recorte de pesquisa corresponde ao trecho do rio Poxim, localizado no município de Aracaju. É possível observar que esse rio perpassa uma região fortemente urbanizada do território aracajuano. O Poxim cobre diversos bairros, dentre eles Capucho, Jabotiana, São Conrado, Inácio Barbosa, Jardins, Farolândia, Atalaia, Treze de julho e a Coroa do Meio.

Devido à alta densidade populacional das áreas por ele cobertas, esse rio se destaca por possibilitar diversas formas de sociabilidades cotidianas, vivenciadas por moradores situados tanto em zonas nobres da cidade quanto em áreas mais periféricas. Ao percorrer as suas margens foi possível observar diversas interações e a cada uma delas a perspectiva da paisagem se altera, como se o rio também reagisse à cidade.

A justificativa para a realização do presente trabalho se dá mediante a importância de estudos que se debruçam sobre uma historiografia local desse espaço natural, pois, são de grande contribuição acadêmica e social, ao possibilitar traçar um diagnóstico associado a essa realidade. É pertinente apontar que diversas pesquisas foram conduzidas nas áreas de meio ambiente, história e geografia com relação aos aspectos naturais e os seus impactos sobre a capital de Sergipe. Contudo, são escassas as pesquisas do ponto de vista antropológico a respeito do elemento humano, cujo *modus vivendi* está, intrinsecamente, ligado ao movimento das águas nesse meio ambiente arcajuano. Desse modo, durante a condução da pesquisa, algumas questões se impuseram: quem são os moradores que residem nessas regiões situadas às margens dos rios? que dinâmicas culturais podem ser observadas nesses contextos ambientais? quais são atualmente as percepções e representações do rio Poxim no imaginário daqueles que habitam as suas margens?

A categoria de sociabilidade empregada neste trabalho, refere-se à perspectiva de Simmel, para quem a sociabilidade desempenha um papel crucial na coesão social, pois cria ambientes onde as pessoas podem vivenciar a interação de maneira autêntica. Assim, a sociabilidade é concebida como uma forma 'pura' de interação social, cujo valor está no próprio ato de se relacionar e compartilhar experiências. Em outras palavras, ela é vivida como um fim em si mesma, e não como um meio para alcançar outros objetivos. No âmbito da pesquisa, o rio representa esse elemento material que impulsiona uma convivência mútua.

Alinhando-se com essa perspectiva, André Felix de Souza (2005) propõe uma análise baseada na sociabilidade definida por Simmel, abordando, entretanto, a relação entre o espaço e a interação social na cidade. Ou seja, as dinâmicas de interação social mediadas pelos espaços urbanos. Souza discute como o uso e a configuração dos espaços urbanos influenciam no desenvolvimento das relações sociais, servindo como locais de encontro, troca e convivência. É nos espaços públicos que as diferenças individuais e coletivas se manifestam (ou deveriam se manifestar) livremente. As diferentes formas de sociabilidade revelam como os indivíduos inseridos em contextos sociais específicos, desenvolvem e transformam seus modos de convivência. Dado ao fato de que as interações sociais são mediadas pelos espaços, cada região manifesta sua própria dinâmica de interação, refletindo as normas e os valores culturais daquela

comunidade. Nessa perspectiva, Simmel e Souza, contribuem para analisar a relação entre sociabilidade e espaço e como ambos vão influir nos modos de interação entre os habitantes do rio Poxim.

Assim, o objetivo geral dessa monografia é investigar, a partir de um olhar antropológico, as dinâmicas de sociabilidade das populações que circundam a bacia hidrográfica do rio Poxim no município de Aracaju/Se. Sob este aspecto se inserem os pescadores da Coroa do Meio e os moradores do Pantanal, objetos privilegiados dessa pesquisa.

Já os objetivos específicos são: 1) verificar as dinâmicas culturais desenvolvidas pelos integrantes desse ambiente social, a fim de melhor compreender suas condições reais de existência; 2) identificar as maneiras de habitar esses espaços, observando os modos distintos pelos quais os moradores participam na construção e transformação do ambiente; 3) investigar a percepção e o relacionamentos dos moradores do Pantanal e da Coroa do Meio com o rio Poxim, considerando as áreas em que eles estão localizados; 4) realizar um registro imagético dessa realidade.

Considerando que a metodologia se caracteriza pela organização e instrumentalização do trabalho científica, a presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório referente aos modos de existência de uma determinada realidade. Desse modo os procedimentos metodológicos utilizados foram, em um primeiro momento, o levantamento bibliográfico de fontes documentais e acadêmicas que tratem do processo de fundação da capital de Sergipe, para se ter um conhecimento prévio acerca da formação da cidade e um maior entendimento referente às influências do meio biofísico sobre o meio urbano e vice-versa. Além de outros trabalhos que tratam de categorias como: representações sociais, sociabilidades, culturas urbanas, ambiente citadino e comunidades ribeirinhas.

Em seguida, para a coleta de dados, ocorrerão visitas às comunidades que fazem parte desse ambiente hídrico, num esforço de demarcar a área a ser explorada e estabelecer contato prévio com os habitantes. Esse movimento foi reforçado através da navegação fluvial do rio com a supervisão de pescadores. Nas duas primeiras incursões a campo, foi possível observar com maior clareza os contornos do rio e confirmar que o Poxim abriga uma diversidade de espacialidades.

Durante o mapeamento da área, conversei com os moradores e visitei cerca de 10 regiões que perpassam o rio Poxim. Contudo, o bairro da Coroa do Meio e a comunidade do Pantanal foram escolhidos enquanto delimitação da presente pesquisa devido ao tempo de permanência desses moradores nessas localidades e a disponibilidade que eles tiveram para a pesquisa.

E por fim foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois pescadores da Coroa do Meio e com duas moradoras da comunidade do Pantanal, visando identificar os modos como esses habitantes percebem e se relacionam com o rio, usando, de modo complementar, o método de história de vida (Queiroz, 1987). As entrevistas ocorreram presencialmente nos locais de residência dos interlocutores. Foram utilizados recursos de gravação de áudio e câmera digital com o devido consentimento e acompanhamento dos entrevistados.

Elaborei dois roteiros de entrevistas, direcionados aos dois perfis de moradores. As entrevistas foram estruturadas em dois eixos principais: a) as trajetórias sociais de cada morador, analisadas com base em questões como idade, atividade econômica, locais de residência, além de práticas de lazer e transporte; e b) a percepção dos moradores sobre o rio Poxim e as mudanças ocorridas na paisagem ao longo do tempo. Tais eixos permitem analisar as formas de sociabilidade nas margens do rio, considerando as maneiras como esse grupo de moradores interage com o Poxim e com a comunidade em que estão inseridos.

Finalizando a análise dos dados, o texto foi organizado em quatro capítulos. O primeiro, de natureza teórica, reúne reflexões sobre a relação entre rios e cidades, além de abordar a literatura antropologia referente a relação entre populações ribeirinhas e o meio ecológico. Essa seção foi organizada em dois subtópicos. No primeiro, exploro o estado da arte relacionado aos estudos que abordam a relação entre rios e cidades. Para contextualizar o desenvolvimento desses estudos, apresento uma definição clara de cidade e, em seguida, discuto o papel integrador dos rios na paisagem urbana. No segundo subtópico, concentro-me nos estudos etnográficos clássicos e contemporâneos sobre populações ribeirinhas, a partir da perspectiva da literatura antropológica.

No segundo capítulo examino o processo de transferência da capital de Sergipe, assim como a expansão urbana da cidade de Aracaju em seus primeiros anos de formação. Considero essa contextualização necessária, uma vez que a cidade foi assentada às margens de um extenso corpo de água, tendo uma área predominantemente cercada por mangues, rios e apicuns. Sendo assim, esse capítulo foi dividido em dois subtópicos: o primeiro se trata das ações e motivações que antecederam a mudança da capital sergipana de São Cristóvão para Aracaju, dando uma atenção especial para os aspectos geográfico e econômico da época. O segundo subtópico trata de um breve resumo dos caminhos que Aracaju tomou em seus primeiros anos de formação, principalmente, entre os anos de 1855-1930, pois, assinalou mudanças na paisagem da cidade, de um território essencialmente natural para um espaço urbano estruturado e transformado pela intervenção humana. Esse contexto histórico, torna-se pertinente na medida em que queremos

compreender os modos pelos quais a cidade foi formada e de que maneira os atores sociais utilizaram e modificaram o solo da cidade ao longo de seu processo de expansão urbana.

No terceiro e quarto capítulo dedico-me ao relato etnográfico das experiências vivenciadas às margens do rio Poxim e volto os meus olhos para as regiões da cidade que perpassam esse corpo hídrico. O terceiro capítulo corresponde a um desdobramento geográfico e visual do rio Poxim através de mapas, e de fotografias tiradas durante as incursões a campo em um primeiro momento por via terrestre acompanhando as suas margens e em um segundo momento por via fluvial sob a supervisão de pescadores.

Por fim no quarto capítulo, dividido em dois subtópicos, exploro em maior profundidade a trajetória de vida dos moradores, do Pantanal e da Coroa do Meio, que integram o objeto desta pesquisa. Por meio desta abordagem busco analisar as percepções dos habitantes e formas de sociabilidades presentes nessa região. Assim como, o modo como eles se relacionam com o rio e identificam as transformações na paisagem.

1. CAPÍTULO - REFLEXÕES TEÓRICAS REFERENTE A RIOS E POPULAÇÕES RIBEIRINHAS

1.1 RIOS E CIDADES

Os estudos sobre natureza e cidade nos levam a refletir sobre questões essenciais que estão intrinsecamente ligadas à composição da sociedade contemporânea. O processo de urbanização, muitas vezes acelerado, traz à tona desafios e esforços que se manifestam na forma como os espaços urbanos são distribuídos e organizados. Esses estudos também destacam a cidade como organismo vivo, em constante interação com seus habitantes, que se moldam e são moldados pelas dinâmicas do espaço e meio ambiente.

Conforme Weber, a cidade pode adquirir múltiplos contornos podendo ser, em maior ou menor grau, cidades consumistas, mercantis ou industriais. Desse modo, cabe dizer que as cidades representam, quase sempre, tipos mistos e que, portanto, não podem ser classificadas em cada caso senão tendo-se em conta seus componentes predominantes. (WEBER, 1987, p. 73).

Segundo Pesavento, podemos qualificar a cidade como um espaço dinâmico e multifacetado, construído pela interação entre os aspectos materiais e simbólicos presentes na experiência urbana. Ela enfatiza que a cidade não é apenas um espaço físico, mas um lugar de vivências, práticas sociais e produtos culturais. Conforme os aspectos sugeridos na reflexão de Pesavento, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos

dados pelo viver urbano e pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p.14).

Com relação aos elementos materiais estes dizem respeito aos componentes físicos e tangíveis do espaço urbano, fundamentais para a configuração e a experiência na cidade. Esses elementos não se restringem à sua estrutura física, mas abrangem também a produção do espaço em termos de infraestrutura, organização e uso. Lefebvre (1974) destaca como esses aspectos materiais são moldados pelas relações sociais e políticas, ele utiliza como exemplo o modo como muitas vezes a cidade é organizada em zonas específicas, como zonas residenciais, comerciais, industriais, de lazer etc. Essa zonificação é uma expressão material das dinâmicas sociais e econômicas, pois determina como os recursos são distribuídos e como diferentes grupos sociais interagem com o espaço.

Fazendo uso das reflexões desses autores — Weber, Pesavento e Lefebvre — é possível relacionar os componentes materiais como rios, ruas, parques, prédios, avenidas entre outros, com os aspectos subjetivos dos moradores. Desse modo, quando os elementos materiais e subjetivos interagem na paisagem, eles conferem novos contornos à materialidade da cidade. Ao habitarem esses espaços, os moradores também são transformados pela própria cidade.

Assim, direcionaremos o nosso olhar para a cidade sob a ótica de um conjunto complexo de ambientes sobre os quais as agências humanas e não humanas operam para a representação dos espaços urbanos. Uma dessas agências correspondem aos espaços naturais presentes na cidade, mais especificamente os rios urbanos, por serem elementos integrativos e marcantes na paisagem de muitas cidades, inclusive na cidade de Aracaju.

Capilé (2016) em seu trabalho “Rios urbanos e suas adversidades: repensando maneiras de ver as cidades”, destaca a importância dos rios para a manutenção da vida humana. A água doce dos rios e ribeirões, por exemplo, são substâncias indispensáveis para a existência da vida humana. Ao fazer essas afirmações, o autor nos convida a refletir sobre como somos parte integrante de um ecossistema complexo e dinâmico. Em vez de enxergar os rios como meros elementos da paisagem urbana, Capilé os posiciona como atores históricos e sociais, intimamente ligados à formação e transformação das cidades. Podemos dizer que os espaços ecológicos, como parques, praias, mangues e rios, participam na formação de um sujeito social que, ao estar em contato com o ambiente, o molda e por ele é moldado.

Já em breve perspectiva, Camargo e Pinto (2017) discutem que, dentro dos estudos de planejamento e gestão das cidades, há um fenômeno contemporâneo de políticas de “revitalização” e “requalificação” de áreas hídricas. Essas políticas fazem parte de um conjunto de ações estratégicas que visam restaurar e melhorar a qualidade ambiental e social dos rios,

assim como de outros corpos d'água localizados em áreas urbanas. Segundo os autores, essa tendência reflete uma crescente conscientização sobre a importância desses ecossistemas para a qualidade de vida e a sustentabilidade ambiental. Podemos ver esse movimento de revitalização de áreas verdes em Aracaju mediante a construção de parques às margens dos rios, como o dos Cajueiros e o Parque Ecológico do Rio Poxim. Contudo, a revitalização de áreas hídricas ainda enfrenta diversos desafios, como a falta de recursos financeiros e a resistência de alguns setores da sociedade.

Saraiva (1999) demonstra que a relação entre as cidades e os cursos de água está pautada em um movimento que teve seu começo no desejo de controle e domínio dos rios, passando por uma degradação e sujeição até chegar a um processo de recuperação e sustentabilidade. No final do século XIX e início do século XX, a chamada lógica sanitária ou higienista, juntamente com o modelo urbano progressista, promoveram uma brusca mudança na aceitação dos corpos de água no meio urbano com intuito de promover melhores condições de circulação e conforto (SILVEIRA, apud FRIEDRICH 2007, p. 30).

Na ocupação de suas margens, os rios ganharam novos contornos para se adaptar à dinâmica urbana, por vezes perdendo sua autonomia e sendo limitados aos horizontes das linhas urbanas. Embora não seja uma presença consciente na história das cidades, “os rios também têm história” (FEBVRE, 2000, p. 9). São construtores sociais de uma história comum, correspondendo a “pontos de partida que marca e remarca o tempo das/nas cidades” (GANDARA, 2017, p. 6).

Considero a autora Gercinair Silvério Gandara de grande contribuição para essa pesquisa. Em seu trabalho “Rios: território das águas às margens das cidades” (2017), ela realiza uma etnografia hídrica da malha fluvial do município onde cresceu em Uruaçu, situada no Norte de Goiás. “Em verdade, o território das águas uruaçuense faz parte da minha própria história e cerca boa parte das minhas lembranças.” (GANDARA, p. 4).

Gandara, utiliza os rios Maranhão, Passa Três e o Ribeirão Machambombo como um símbolo representativo dos rios brasileiros. Os rios analisados por ela, assim como tantos outros, passaram por diversas transformações no decorrer do tempo. Assim, seu texto recorre a três perspectivas: a histórica, ambiental e o resgate da memória. Gandara, percebe os rios como produtos e produtores históricos, ou seja, falar do território das águas e do ambiente urbano é tratar de uma situação “dialética complexa e inseparável” entre cidade e natureza.

Segundo ela, rios significam muito mais do que acidentes geográficos traçados nos mapas. São suporte físico. São paisagem. A ideia de paisagem nesse caso, corresponde à forma física; representam uma realidade cultural e a forma como essa realidade é compreendida.

Devido a essa e outras percepções da autora, a tese elaborada por ela irá me guiar durante a composição desse e de outros capítulos da monografia aqui apresentada; a noção do espaço tempo vivido, assim como a dialética entre cidade e natureza.

Em alguns casos o espaço geográfico constituiu a oportunidade da existência da própria cidade e pode influenciar o desenvolvimento, os contornos, as condições de vida e as atividades urbanas. No Brasil, o surgimento e o desenvolvimentos de aglomerados urbanos tiveram os rios como elemento definidor.

Conforme aponta Gandara (2017), em todas as capitais brasileiras, os rios ocuparam lugar central no desenvolvimento urbano,

Nas margens dos rios brasileiros se estabeleceram núcleos, constituíram-se engenhos, fizeram penetrações horizontais e verticais do território. Eles foram colaboradores fundamentais às bandeiras, às missões, às entradas, às tarefas de domesticação dos índios, às descobertas de ouro e pedras preciosas, à agroindústria do açúcar, à fixação de núcleos, ao desenvolvimento da pecuária, à ampliação da lavoura de gêneros alimentícios, povoamento e cidades. (GANDARA, 2017, p. 7).

As transformações nos cursos dos rios ao longo do tempo impõem novas formas de lembrar e representar o espaço citadino. Gandara tece críticas acerca do modo como a estruturação das cidades e a expansão urbana utilizou-se do território das águas para fazer desse espaço geográfico “palco dos problemas ambientais” (GANDARA, 2017, p. 9)

Em alinhamento com ela, os rios citadinos serviram como pano de fundo para o desenvolvimento das cidades. Contudo, os rios cederam espaço para as reformas urbanas que os canalizaram. Alguns somem de vista, enclausurados entre paredes de concretos. Os córregos, rios e riachos desaparecem, transformando-se em canais tampados, transpostos por pontes ou em “esgotos a céu aberto”. A expansão urbana muitas vezes desordenada e o uso indevido das suas margens acabaram por modificar as imagens/percepções dos moradores com relação a paisagem. Gandara esclarece,

De fato, na prática de estruturação das cidades o modo de expansão urbana utilizou-se do território das águas. Os rios cederam espaço para as reformas urbanas que os canalizou para servir ao sistema de esgoto. Paredes verticais de concreto demarcaram-nos. Alguns foram escondidos embaixo da terra. Mudaram o rio a seu modo. Sepultaram os rios citadinos! (GANDARA, 2017, p.08)

O aumento populacional e a poluição tornam os rios degradados a tal ponto que suas imagens e paisagens passaram a refletir a devastação, contrastando com a vitalidade presente nas memórias. Além dos danos e impactos ambientais, existe, segundo a autora, um profundo afastamento social em relação aos rios, reduzindo significativamente a influência que esses corpos hídricos exercem nas relações e nos hábitos do cotidiano urbano daqueles que vivem as suas margens.

Com relação a sua percepção dos rios de Uruaçu, atualmente, ela diz

“Em verdade, o que vejo não são aqueles rios, mas sim a memória deles, pois estabeleci com eles relações históricas. É impossível vê-los hoje. Eles já não existem como antes. Se encontram numa paisagem despoetizada. Mas, a representação cartográfica da memória deste território das águas é tão forte que me possibilita avistá-los e até mesmo desenhá-los com os “pincéis” da lembrança. Nosso território das águas perdeu o dom de evocar o tempo da natureza que reinam sobre os da história.” (GANDARA, pág. 04)

Essa obra é importante, pois a autora nos apresenta os rios sob a perspectiva de um espaço-tempo vivido, das memórias de infância e juventude em contraposição aos rios como estão presentes hoje.

De acordo com ela, os rios fazem parte de sua história e estão presentes em suas lembranças; são imagens, memórias e história. Ao analisar a historiografia de um espaço natural não se deve separá-lo da historiografia humana, uma vez que natureza e cultura se fundem em uma só materialidade, uma história da natureza acaba sendo a própria história humana e vice-versa.

Nesse sentido, os rios desempenham papel essencial na dinâmica e no desenvolvimento da cidade, muitas vezes funcionando como mediadores múltiplos e complexos. Isto é, representam um componente para a vida cidadina acontecer. Por vezes correspondem ou já corresponderam para a manutenção da própria cidade. Baptista e Cardoso (2013) apontam que, para o surgimento das cidades, os rios, além de proverem água para consumo, higiene, oferta de energia e atividades pesqueiras e artesanais, proporcionam a comunicação e o comércio. Em muitos casos eles desempenharam um papel fundamental na defesa e proteção das próprias cidades (BAPTISTA; CARDOSO, 2013, p. 127).

Levando em conta as reflexões realizadas acima, que contextualizam a relação entre rios e cidade, é necessário compreendermos também, a partir da literatura antropológica, as dinâmicas sociais que perpassam a relação entre natureza e cultura. Esses estudos englobam diversas formas de existência e estão intrinsecamente ligados às práticas de sociabilidade que ocorrem nas margens de paisagens fluviais.

1.2 A INTERAÇÃO DAS POPULAÇÕES RIBEIRINHAS COM O MEIO ECOLÓGICO SOB A PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA

Bronislaw Malinowski, cânone da ancestral da antropologia, em “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” está interessando em compreender o sistema de trocas cerimoniais desenvolvida pelos povos das Ilhas Trobriand localizada na Papua Nova Guiné durante o contexto da Primeira Guerra Mundial. O trabalho realizado por ele nesse livro é amplamente

conhecido por ter sido um divisor de águas para a Antropologia, “como precursor da pesquisa de campo intensiva, criou padrões, definiu o trabalho etnográfico, favoreceu novas teorias, alimentou ideais e utopias” (PEIRANO, 2021, p. 380).

No que diz respeito à busca etnográfica, método revolucionário que se tornaria condição *sine qua non* da prática antropológica, consistia em viver por longos períodos entre seus interlocutores, aprendendo sua língua e participando de suas atividades diárias. Este método, posteriormente, se tornou uma prática padrão na antropologia.

“Os Argonautas...”, foca principalmente no sistema de trocas cerimoniais do Kula, um complexo ciclo de trocas de objetos valiosos (como colares e braceletes de conchas) entre os ilhéus da região. Importante salientar que o valor desses objetos não segue os moldes comerciais do modelo econômico ocidental; eles possuem valores especificamente ligados a aspectos culturais, políticos e simbólicos da vida dos Trobriand. Malinowski demonstrou como o Kula organiza as relações sociais e sua importância para a construção de alianças, prestígio e status entre os participantes.

Para a realização dessas trocas cerimoniais os habitantes das ilhas se tornaram “hábeis navegadores”. Malinowski fala de várias tribos vivendo nas diversas ilhas espalhadas pela Nova Guiné e que estas estabeleciam entre si relações comerciais usando, como meio de locomoção, a “excelente variedade de canoas grandes” que eles mesmos fabricavam. (Cf. MALINOWSKI, 1976, p. 21). As canoas permitiam a circulação dos objetos de troca, uma vez que havia uma distância considerável entre uma ilha e outra. As viagens eram longas e perigosas, exigindo dos navegadores habilidade e preparação. Os habitantes das ilhas desenvolveram técnicas avançadas de navegação tradicional, incluindo a leitura das estrelas, correntes oceânicas e ventos. Em conformidade com Malinowski, as embarcações não eram apenas meios de transporte, mas também elementos carregados de significado cultural, social e ritual para aquela comunidade: “o barco está envolto em uma atmosfera de romance, construída de tradições e experiências pessoais. É um objeto de culto e admiração, uma coisa viva que possui personalidade própria” (MALINOWSKI, 1976: 90).

No terceiro capítulo desta monografia, será apresentada uma descrição que revela que entre os pescadores do rio Poxim, existem saberes comparáveis aos navegadores da Nova Guiné. A realidade desses pescadores permitiu que eles adquirissem conhecimento relacionado aos períodos mais adequados para a pesca, e a biologia dos peixes e crustáceos presentes no rio. Outro ponto de conexão são os significados das embarcações para os pescadores da Coroa do Meio que não se limitam apenas a um meio de transporte, elas representam também um símbolo

de unidade e afeição coletiva, seja na manutenção ou na pescaria conjunta. São ferramentas indispensáveis que possibilitam a prática do ofício dos pescadores artesanais.

Dando sequência, destaca-se o trabalho de Evans-Pritchard (1978), que investigou as estruturas políticas dos Nuer, um povo nômade do sul do Sudão, residente em uma área pantanosa situada entre dois rios que deságuam no Nilo.

“Os Nuer” é uma obra clássica da antropologia social publicada em 1930. Esse trabalho foi inovador na época, pois, integrava teoria e etnografia na pesquisa de campo. Evans-Pritchard passou longos períodos convivendo com os Nuer, utilizando-se de uma abordagem baseada na observação participante¹.

Nesse trabalho, ele descreve a organização social, política e economia dos Nuer, mais especificamente, como as noções de tempo e espaço operam naquela sociedade, uma vez que “tais características interagem umas com as outras e compõem um sistema ambiental que condiciona diretamente a vida dos Nuer e influencia sua estrutura social” (EVANS-PRITCHARD, 1993, p.66).

Evans-Pritchard analisa detalhadamente a importância dos marcadores temporais e como esse povo percebe e se organiza de acordo com as dimensões de tempo e de espaço. O tempo está relacionado às atividades sazonais, como o pastoreio e os períodos de seca e chuvas. Já o espaço é organizado em função do uso econômico da terra e das relações sociais. O tempo e espaço estão profundamente interconectados, uma vez que o tempo é vivido no espaço e o espaço é definido pelo que acontece nele. Por exemplo: são os períodos de chuva e seca (tempo) que irão definir onde os Nuer vão estabelecer morada e praticar o pastoreio (espaço).

Segundo o autor, a importância do sistema ecológico e suas limitações é tal, que não se pode pensar o sistema social e a dimensão política sem considerar o valor atribuído por eles ao meio ambiente. O cálculo do tempo entre o Nuer é estabelecido em função de marcadores temporais como as fases da lua e o curso do sol, mas, principalmente, da dicotomia climática entre a precipitação das chuvas e os períodos de seca: “os aspectos pelos quais as estações são definidas com maior clareza são aqueles que controlam os movimentos das pessoas” (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 109). Com relação ao espaço ecológico dos Nuer, o autor informa que um rio largo divide duas tribos Nuer e que “são essas fronteiras que indicam as linhas de divisão política” (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 125).

¹A **observação participante** é um método de pesquisa qualitativa amplamente utilizado em estudos antropológico e sociológico. Consiste no pesquisador se inserir em um ambiente ou contexto social, participando das atividades e interações dos sujeitos estudados ao mesmo tempo que observa seus comportamentos, costumes e dinâmicas.

Desse modo, o sistema Nuer me inspira pensar também a relação das populações do estuário do rio Poxim com o espaço ecológico onde habitam e o efeito desse ambiente sobre suas divisões sociais e práticas cotidianas, pelo menos no que diz respeito aos habitantes de suas margens, cuja sobrevivência depende das atividades econômicas desenvolvidas no rio.

Com relação aos trabalhos mais contemporâneos, a obra “Argonautas do Mangue” (2004) de André Alves combina uma abordagem acadêmica e artística para compreender o universo dos caranguejeiros nos manguezais do município de Vitória localizada no Espírito Santo.

Na obra o autor busca entender e descrever a relação dos moradores com o manguezal, mais especificamente, o conhecimento dos caranguejeiros com relação à prática da pesca e ao modo como a dinâmica climática molda as relações entre os moradores. “Interessava-me fundamentalmente entender e descrever as relações entre o homem e o manguezal, com um enfoque especial nas pessoas que vivem da cata do caranguejo na cidade de Vitória/ES” (ALVES, 2004, p.78). Para além disso, ele discute as disputas pelo espaço, uma vez que esses caranguejeiros estão inseridos em uma local que passou por um forte processo de crescimento urbano.

A população da cidade de Vitória, teve um enorme salto no quantitativo de habitantes, a maioria sendo formada por imigrantes oriundos do interior, grande parte dos quais foi morar nas florestas do mangue. Eles pouco ou nada sabiam a respeito do ecossistema no qual passaram a habitar. Desse modo, verificou-se uma disparidade entre os habitantes locais e os “invasores”. Para os catadores de caranguejos e pescadores artesanais o mangue representava a fonte de subsistência de suas famílias, já para os novos habitantes, esse local não representava mais que um pedaço de terra, onde poderiam residir.

Segundo Alves, o crescimento da população, aliado ao desejo de progresso, foram os propulsores para os primeiros aterramentos em manguezais das áreas. A diluição do mangue, juntamente com o aumento de pessoas aderindo à cata de caranguejos, fez com que o estoque de caranguejos nos manguezais de Vitória caísse drasticamente, ao ponto “de muitos caranguejeiros, os mais antigos em especial, abandonarem essa atividade por não encontrarem nela, condições dignas de sobrevivência.” (ALVES, 2004, p. 84).

Com relação aos saberes dos caranguejeiros para sobreviver da cata desse crustáceo, eles desenvolveram um conhecimento sofisticado com relação à biologia, à ecologia e ao comportamento do caranguejo, bem como sobre as técnicas de capturas que consistem na tiragem do caranguejo com o braço, tapando, ou com o pé. Alves destaca que as atividades realizadas no mangue não são marcadas pelos ponteiros de um relógio, mas pelo movimento da

maré. Para os caranguejeiros, a lua e vento são os elementos que determinam a variação das marés. (ALVES, 2004, p. 131).

A realidade descrita por Alves é muito semelhante à vivida pelos habitantes de Aracaju, localizados, sobretudo, nas margens dos rios Sergipe, Poxim e do Sal. A presença de manguezais, nesses espaços, é notória, embora o ecossistema marinho como um todo venha sofrendo processos gritantes de degradação. Sobretudo, a partir dos anos 1980, quando se verifica um boom habitacional nas áreas em que a presença dos mangues era mais ostensiva, como nos bairros da Coroa do Meio e em bairros mais periféricas da cidade como o Lamarão, Bugio, Santos Dumont, Porto Dantas, entre outros (SANTOS; SANTO; RAFAEL, 2024, p. 11).

O aumento habitacional e a especulação imobiliária corroboraram para o aterramento e devastação de manguezais presentes na cidade. Na atualidade, essas agressões ambientais afetam o bem-estar de pessoas que residem em regiões ribeirinhas, assim como no quantitativo de peixes e crustáceos. Desse modo, embora distintas, essas duas realidades foram afetadas pelas intervenções humanas. As mesmas preocupações verificadas por Alves com relação à cidade de Vitória se aplicam ao contexto aracajuano. Além disso, sua atenção às formas de conhecimento elaboradas pelos caranguejeiros da ilha revela um campo valioso para a análise das populações ribeirinhas da Grande Aracaju, pois, como ele aponta: “Se considerarmos que muitos deles descendem de indígenas, podemos concluir que o conhecimento que possuo sobre esse ecossistema e a relação que estabeleceram com ele se acumularam ao longo de milhares de anos (ALVES, 2004, p.116)

Por fim, temos o trabalho de Erika Souza Viera de Castro, “Parceiras de Maré: Uma etnografia sobre as pescadoras do Bom Jesus, Sergipe” (2019) resultado de sua dissertação de mestrado em antropologia social.

Nesse trabalho, a autora busca compreender as práticas e os sentidos estabelecidos pelas pescadoras artesanais que residem na comunidade de Bom Jesus, localizado município de Laranjeiras/SE. Os questionamentos levantados por ela giram em torno de: quais os motivos o que fizeram as mulheres dessa comunidade se tornarem pescadoras? quais as especificidades de suas pescas? quais as atividades realizadas por elas nesse meio? de que forma estão organizados os papéis sociais nos espaços de convívio? como as demarcações de gênero e geracionais atuam nesses processos?

Bom Jesus é dividida em dois grupos populacionais, dos quais um é o “centro” área mais antiga da comunidade, e o outro é a “invasão”, região mais recente, localizada entre a linha de trem e a casa das pescadoras. Na concepção das pescadoras, o “centro” é considerado uma área mais violenta comparada com a “invasão”. No centro também residem outras pescadoras,

as quais não são consideradas pelo outro grupo, o da “invasão”, como “pescadoras de verdade” (Castro, 2019, p.57).

Na comunidade, as atividades de pesca ocorrem, predominantemente, no rio Sergipe, o qual regulamente sofre alterações advindas das marés e das alterações climáticas que determinam a abundância ou escassez de animais. Essas oscilações, fazem com que as pessoas frequentemente se desloquem de um ponto ao outro para pescar. A pesca é a principal fonte de renda da maioria das famílias, mais que isso, “o rio Sergipe e o Bom Jesus são um elo entre lazer, vida, trabalho, movimento e fluxo” (Castro, 2019, p. 74).

A autora destaca que a pesca artesanal em Bom Jesus possui um caráter específico na própria localidade, tecida pelas tramas familiares e por seus grupos de convívio social. Ser pesadora nesta localidade significa não apenas a prática de conhecimento individual, mas acima de tudo coletivo, pois, antes mesmo de migrarem para o povoado, as pescadoras já exerciam a profissão, cujo, entendimento é baseado em realidades ambientais e históricas. Uma das interlocutoras demonstra que a maré segue o mesmo fluxo cotidiano, se impondo ao tempo da vida no rio e na comunidade. Interessam-me particularmente, os itinerários de percepções das pescadoras de Bom Jesus. Uma vez que podemos encontrar entre os moradores do rio Poxim representações semelhantes.

2. CAPÍTULO – ENTRE RIOS E RUAS: TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA PAISAGEM DE ARACAJU

2.1 A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL

A área onde hoje está assentado o município de Aracaju esteve desde períodos remotos de sua formação atrelado ao movimento das águas. A cidade está localizada em sua maior parte em terraços e planícies fluviomarinhas que contribuem para uma morfologia predominantemente marcada por lagos, rios, mangues e apicuns. Esse cenário natural favoreceu tanto a navegação quanto a economia do estado. Contudo, a geografia da cidade também contribuiu para problemas relacionados à ocupação irregular e usos indevidos do solo. Gradualmente a lógica de aterros se impôs à natureza anfíbia da cidade.

A mudança da capital de Sergipe em 1855 foi, dentre outros fatores, motivada pelas características geográficas de Aracaju e em favor dos interesses comerciais, uma vez que as águas do estuário, facilitavam o transporte da produção, sobretudo a açucareira.

A segunda capital de Sergipe surge em meio a uma empreitada política de Inácio Barbosa, na época, presidente da província de Sergipe Del Rey, de atender aos interesses

econômicos da classe dominante. O estado de Sergipe necessitava de um núcleo administrativo que correspondesse aos ideais de progresso defendidos pela elite local, composta, predominantemente, por grandes proprietários de terras, senhores de engenho e comerciantes que controlavam a produção e o comércio de açúcar.

Em 1855 o açúcar exercia uma enorme influência nas tomadas de decisões políticas, visto que era a principal fonte de renda da Província. Desse modo, Inacio Barbosa vislumbrava no açúcar o principal produto a ser comercializado em Sergipe. Porém, diante da concorrência provocada pelo aumento das fazendas de café, da inexistência de equipamentos modernos e com a recente extinção do trabalho escravo, a produção da cana-de-açúcar na Província estava com os seus dias contados (Fortes, 1955).

Desse modo, surgiu a urgência de um porto. Segundo, Loureiro (1983) a ideia de um centro administrativo ligava-se intimamente à necessidade econômica de um porto bem estruturado para manter e ampliar o comércio exportador de açúcar. A Capital São Cristóvão, foi arrastada pelo porto, pois, o estado não tinha condições financeiras para fazer uma capital e um porto marítimo separadamente e Aracaju possuía um “ancoradouro vasto, profundo e abrigado dizia o próprio presidente Barbosa” (PORTO, 1991, p. 17).

Na obra “Temas da Província” (1944) de José Calazans Brandão da Silva (1915-2001), republicado em 2013 com o título “Aracaju e Outras Temas Sergipanos”, o autor se empenha em relatar com precisão as motivações e os fatores que culminaram na decisão de transferir o centro político de Sergipe, anteriormente localizado em São Cristóvão, sede administrativa da Capitania criada em 1590, para o povoado de Santo Antônio de Aracaju. Segundo Calazans,

“Nessa época (entre 1550 e 1560) que antecedia a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju, o açúcar, era o produto econômico mais importante de Sergipe uma vez que: O grande problema era o açúcar. Dele dependia a estrutura econômica da Província. Não há, pois, exagero em afirmar que Sergipe era o açúcar. Daí, qualquer plano de levantamento econômico da Província deveria ser, necessariamente, orientado no sentido de organizar e defender a produção canavieira.” (CALAZANS, 1942, p.20)

No trabalho de Calazans, Inacio Barbosa aparece como um pilar essencial para o desenvolvimento inicial da capital.

Em fevereiro de 1855, Inacio Barbosa já arquitetava, na propriedade do Barão de Maruim, as providências para a transferência. Ademais, foram tomadas medidas pelo governo, de edificar os primeiros órgãos públicos no povoado de Santo Antônio, tais como o correio, a alfândega, a mesa de rendas da província e um posto de policiamento local. Contudo, é importante destacar que o povoado de Santo Antônio, na realidade, localizava-se fora da área designada para a construção desses prédios públicos iniciais.

Em 01 de março de 1855, Inacio Barbosa justificava aos deputados provinciais que São Cristóvão, “apesar de seus 250 anos de existência, não passava de um grande povoado em gradativa decadência.” (CALAZANS, 2013, p. 93)

A imprensa da época evidenciava o desfavorecimento da antiga capital, através de suas reportagens:

“S. Cristóvão por sua posição geográfica era o lugar menos próprio para ser Capital de uma Província como Sergipe, que tem no litoral pontos mais centrais e mais apropriados.” (CORREIO SERGIPENSE, 23 de maio de 1855).

São Cristóvão estava com o destino marcado, explica Calazans, justamente por estar localizada em uma região geograficamente e economicamente desfavorável, uma vez que o porto da capital declinava gradativamente por não possui profundidade suficiente para embarcações maiores, conseqüentemente, dificultando a exportação do principal produto comercializado no estado.

Cabral (1955) acrescenta que o porto de São Cristóvão era ruim; as margens do Vaza-Barris não forneciam perspectivas promissoras de exportação. Assim, se consumou a ideia da mudança:

A capital, agora, poderia descer do morro, abandonar a sua posição defensiva e vir para a planície, em busca do mar, porque, do mar, haveria de vir a opulência e a felicidade, como, outrora, chegavam os horrores do saque, da destruição e do morticínio (CABRAL, 1955, p. 33)

Desse modo, no dia 17 de março de 1855, com o apoio do Barão de Maruim e de outros senhores de engenho e por meio da Resolução nº 413, Inacio Barbosa sancionava, em Assembleia Legislativa, a mudança da capital de Sergipe de São Cristóvão para Aracaju:

Art. 1º - Fica elevado à categoria de cidade o Povoado Santo Antônio do Aracaju, na Barra do Cotinguiba, com a denominação de Cidade do Aracaju.

Com relação ao local onde seria edificada a nova capital, existia na época, a dúvida entre o povoado, localizado na margem esquerda do rio Sergipe, Ilha dos Coqueiros (atual município de Barra do Coqueiros), e as áreas próximas ao Arraial de Aracaju, no sopé da colina de Santo Antônio (SILVA, 2016).

Mesmo com as vantagens da Barra dos Coqueiros, Inacio Barbosa optou em estabelecer a capital em Aracaju. Salienta Porto (1991) que a região possuía uma localização favorável por estar próxima de uma área economicamente poderosa: o Rio Sergipe. Este, por sua vez, possuía uma vasta expansão geográfica da bacia dos calcários cretáceos de Sergipe, calcários que se decompondo produziam colinas de encostas suaves cobertas pelo famoso massapê, a terra preta

dos canaviais. Geograficamente, Aracaju concretizou interesses políticos e individuais que há muito desejavam a mudança da Capital (PORTO, 1991).

Loureiro (1983) apresenta, juntamente como Porto (1991), as mesmas motivações que corroboraram para que Aracaju fosse escolhida como a sede de Sergipe:

Em favor de Aracaju pesou o fato de que as águas do rio Sergipe mais profundas e de largo estuário, tornavam a navegação mais fácil e segura. A região do Cotinguiba, amplo recôncavo produtor de cana de açúcar, carecia de um bom porto. O movimento da barra do Cotinguiba já naquela época superava o da barra do Rio Vassa Barris (onde se situa São Cristóvão). (Loureiro, 1983, p. 50).

Seguindo o raciocínio dos dois autores, a escolha de Aracaju como o local favorável para sediar a nova capital de Sergipe se deu, principalmente, por conta das características geográficas de Aracaju, uma vez que sua localização facilitava o escoamento e exportação da produção local por via portuária.

No entanto, apesar das justificativas favoráveis para a escolha de Aracaju, baseadas em sua localização geografia e seu potencial para alavancar a produção açucareira, houve oposição significativa à transferência, especialmente por parte dos são-cristovenses, que consideravam um absurdo a ideia de tirar a capital da cidade de São Cristóvão: velha, histórica e colonial para jogá-la em uma terra desconhecida, desabitada, arenosa e insalubre. Conforme acentua Cabral (1955, p.35), os protestos contra a nova capital choeram, abundantes e eloquentes.

As duas capitais colidiram entre si, em um embate entre o antigo e o novo, o barroco e o moderno, a fortaleza e o porto. Nesse embalo, São Cristóvão foi aos poucos perdendo seu protagonismo político, enquanto Aracaju despontou para realçar a centralidade urbana, enquanto capital vitoriosa e moderna (Rafael, 2018). Contudo a capital ao nascer não contemplou outra coisa que não fosse sua natureza aquática e hostil.

2.1 OS CAMINHOS DA NOVA CAPITAL

A cidade de Aracaju nasceu com a promessa de trazer uma nova vida para a Província de Sergipe Del Rey, no que se refere à economia e, principalmente, à infraestrutura. A nova cidade que seria erguida não poderia ter as mesmas estruturas que as demais cidades da Província; deveria ser moderna, atrativa e passar uma imagem de lugar com condições favoráveis para se viver.

No que diz respeito à formação de uma capital, Santiago (1957) salienta que fundar uma cidade é diferente de mudar ou transferir de local, uma vez que a fundação se traduz no ato de criar, fazer o que ainda não existe, sendo assim,

Investir com os fóros de capital, de centro de atividade político administrativo, um núcleo já existente, em detrimento de um outro, que perde essa categoria, e se despoja de suas prerrogativas maiores, como no caso de São Cristovam-Aracaju, é fato de mais grave e da maior responsabilidade (SANTIAGO, 1957, p. 25).

O bairro Santo Antônio, com sua colina e a icônica Igreja de Santo Antônio, permaneceu como um marco cultural e histórico do Estado. No entanto, apesar de sua importância histórica e estratégica, ele não foi escolhido para sediar o núcleo central da capital da Província de Sergipe. A decisão recaiu sobre uma região mais plana, próxima ao rio Sergipe.

Como podemos ver na figura a seguir, o seu núcleo originário não foi implantado no alto da Colina de Santo Antônio, onde se localizava de fato o povoado, mas sim, nas proximidades do Olaria, atual bairro do centro, as margens do rio Sergipe.

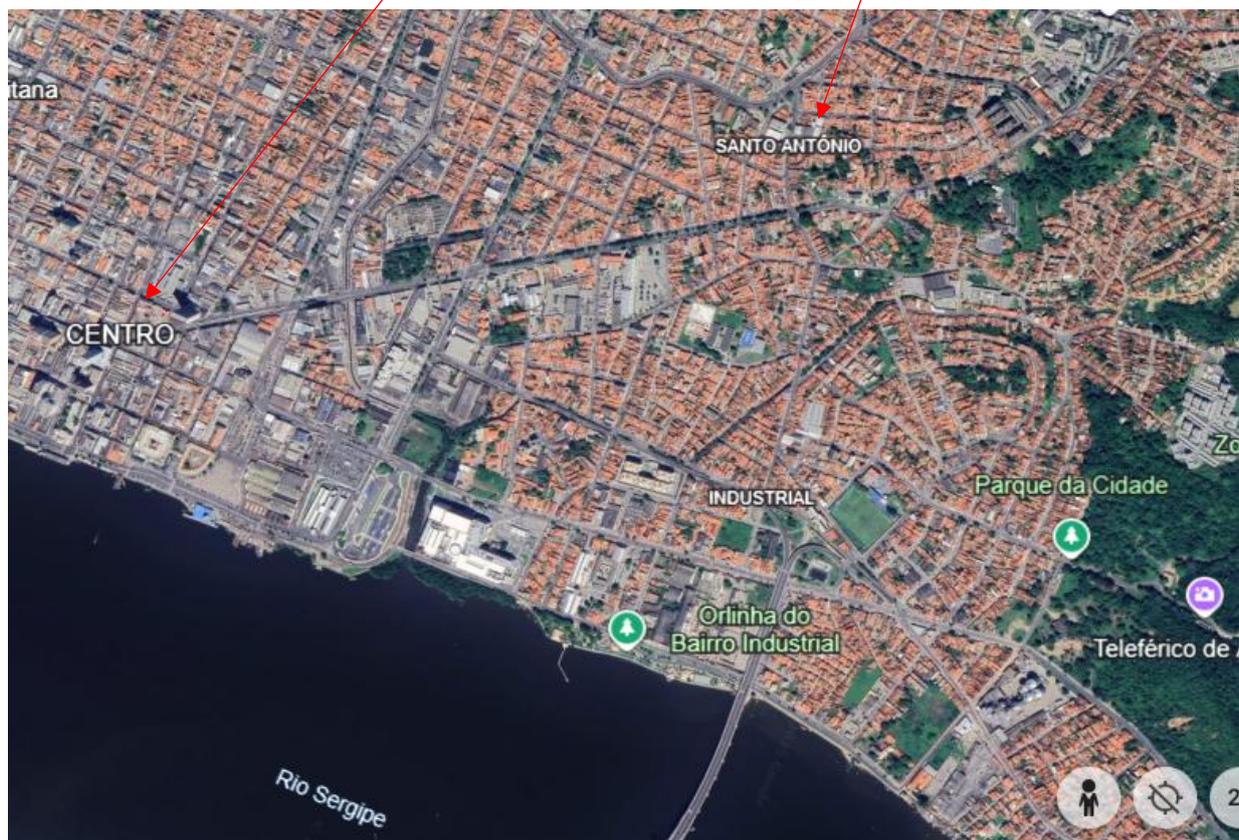
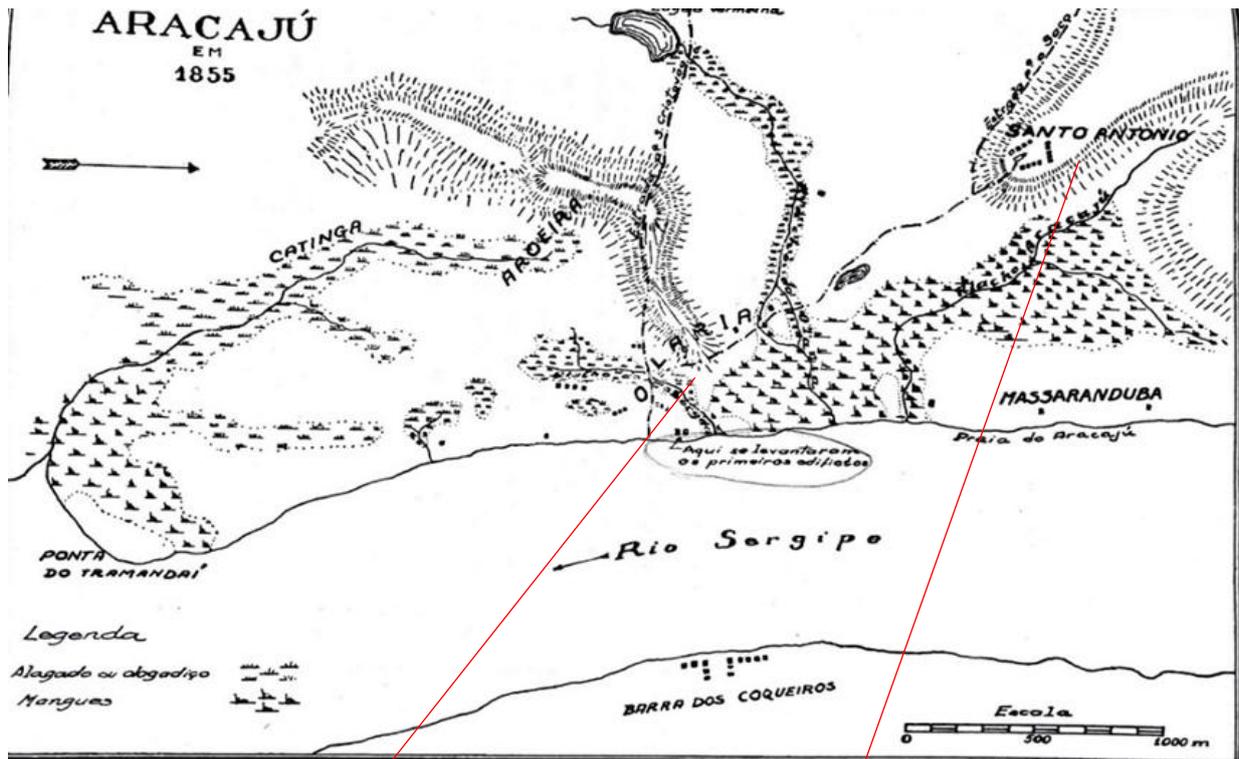


Figura 01- Mapas referente ao assentamento da cidade de Aracaju. ².

² Na imagem de cima: Mapa de Aracaju - 1855. Fonte: Porto, 1991. No segundo mapa, busco mostrar, através do Google Earth, a imagem mais recente da cidade, em comparação ao mapa original da capital sergipana.

Assim, a cidade surgiu ilhada, em meio à natureza hostil que marcava seu ambiente físico. A situação de Aracaju, remete “As Causas e Razões das Ilhas Desertas” de Gilles Deleuze, as quais se formam, do ponto de vista metafórico, a partir de movimentos que conduzem o homem a uma existência por si mesma. Portanto, o impulso imaginário que conduz o homem em direção às ilhas visa um retorno que se cria a partir do nada, digo, “já não é a ilha que se separou do continente, é o homem que, estando sobre a ilha, encontra-se separado do mundo”. (DELEUZE, p. 07, 2004)

Esse movimento insular corresponde a um princípio de isolamento, resultante de práticas econômicas e sociais decorrentes da vida num território geograficamente limitado (Diegues, 1998, p. 40). Na ilha imaginária tudo se passa como se ela tivesse posto em torno e fora de si o seu deserto. Desse modo, Deleuze, inspira pensar que o desenvolvimento habitacional da cidade de Aracaju como um todo aproxima-se desse paradoxal desejo de isolamento, uma vez que a cidade surge a partir de um vazio habitacional.

Fatores geográficos contribuíram para o refluxo no processo de ocupação e na comunicação da cidade com outras áreas. Sob esse aspecto, os primeiros anos da capital (1855–1921) foram marcados pela luta do homem contra a natureza e pela audácia em enfrentar as constantes epidemias de febre e cólera, consequências comuns do clima muito úmido e das condições mínimas de higiene (Ribeiro, 1989).

Diversos autores, principalmente das áreas de humanas, desenvolveram pesquisas referente ao processo de formação da capital de Sergipe, assunto sobre o qual existe uma densa bibliografia. Portanto, vou me deter neste momento, sobre as contribuições dos autores que se debruçaram especificamente acerca o desenvolvimento da capital durante seus primeiros anos de formação, a partir da sua transferência, da antiga São Cristóvão para Aracaju. Alguns deles são:

Kátia Afonso Silva Loureiro, em sua obra “*A trajetória Urbana de Aracaju: Em Tempo de Interferir*” (1983) dedica-se a analisar o desenvolvimento urbano de Aracaju, destacando as especificidades de cada período, bem como os seus diversos condicionantes ao longo do tempo. Para tal, Loureiro propõe uma periodização do desenvolvimento urbano de Aracaju em quatro fases: 1) 1855-1900, implantação do aparelho estatal e ocupação inicial; 2) 1900-1930, consolidação de Aracaju como centro administrativo, político e econômico de Sergipe; 3) 1930-1964, aparecimento de bairros populares e diversificação econômica, e; 4) 1964 em diante, intensificação da urbanização e surgimento de novos bairros. Além disso, Loureiro examina o efeito das políticas públicas e das intervenções urbanas na estrutura espacial de Aracaju,

destacando como as decisões governamentais afetaram a distribuição populacional e a ocupação do espaço urbano.

Em “*A cidade de Aracaju: 1845-1965*”, Fernando Porto com base no plano regulador³ propõe, também, debater o desenvolvimento urbana de Aracaju. Acompanhando sua evolução desde o surgimento da capital, o autor aborda com minúcia o corpo física e social da cidade. A principal contribuição deste estudo reside em sua análise aprofundada dos processos de urbanização e as consequências sociais e econômicas dessas influências. Porto explora o impacto das políticas públicas, o papel da economia local, as transformações na infraestrutura e a dinâmica social que desempenharam um papel fundamental na configuração da cidade tal como as conhecemos atualmente.

Mario Cabral, em seu livro “*Roteiro de Aracaju*” (1955) inicia seu enredo com uma escrita envolvente, recheada de observações sensíveis sobre as características da nova Capital. Combinando elementos históricos e culturais, analisa o cenário de Aracaju desde seu nome, seus habitantes até sua evolução, assim como a relação da cidade com sua geografia enfatizando o papel, principalmente dos rios Poxim e Sergipe. A obra é uma espécie de guia sentimental, oferecendo não apenas informações sobre a cidade, mas também retratando aspectos culturais, históricos, sociais dos personagens da capital sergipana na década de 1950.

Em “*Santo Antônio Do Aracaju: Etnografia e Narrativas Sobre Um Lugar*” (2018), Ulisses Neves Rafael, analisa o bairro de Santo Antônio de Aracaju, localizado no município de Aracaju e as suas celebrações anuais. O interesse do autor se pauta no resgate de narrativas e representações locais, referentes, sobretudo, à formação urbanista da cidade e do bairro. O trabalho também dialoga com a natureza geográfica aracajuana, descrita a partir de suas características ambientais e insulares, o que influenciou as narrativas sobre a cidade e do bairro ao longo do tempo. Esse estudo ao apresentar uma análise minuciosa e sensível das experiências e percepções dos moradores de Santo Antônio, contribui para ampliar a compreensão sobre os processos de urbanização e suas implicações nessa comunidade local.

Aracaju passou por dois períodos significativos em seu processo de expansão demográfica. O primeiro deles, que vai de 1855 a 1900, marcada pela sobreposição dos sujeitos

³ Pode ser descrito também como **Plano Diretor Municipal (PDM)** caracteriza-se por ser um instrumento de planejamento urbano que estabelece regras para o crescimento e a organização de uma cidade. Responsável por definir as diretrizes para a ocupação do território, considerando os seus aspectos ambientais, habitacionais, de transporte e infraestrutura.

implicariam o desmonte de extensas porções de apicuns e alagadiços que caracterizavam a região (Almeida, 2010).

No que tange às habitações, as primeiras que se fizeram em Aracaju foram as casas de taipa e de palha, tipo de construção que prevaleceu na paisagem local entre os anos de 1855-1895. Funcionários do Governo e comerciantes se exprimiam nos rudimentares casebres feitas de palha e barro. Como indica Amâncio Cardoso,

Nos primeiros anos da cidade, até os mais aquinhoados habitaram em casas de palha. Talvez por dificuldade de transporte de material ou por escassez de mão-de-obra especializada em alvenaria, cuja ‘carestia excessiva’ foi assinalada em 1860 pelo governo. Além de negociantes, funcionários públicos também passaram por apereios imobiliários na cidade de Inácio Barbosa (1823-1855). Em 1856, o presidente da província relatou que se sentia comovido pela sorte dos empregados públicos, ‘habitando em pequenos ranchos de palha’. Esta situação se verificava devido ao alto valor dos aluguéis que corroíam os salários. (CARDOSO, 2003, p. 111)

Um fato apontado na dissertação de mestrado de Cruz (2016), além da carência econômica, havia também a necessidade de materiais para a construção das habitações. O alto valor dos aluguéis de uma “casa decente”, fazia com que funcionários do Governo e até mesmo abastados comerciantes procurassem abrigos nas habitações rústicas e insalubres. Na localidade só tinha, à disposição, o barro da taipa, obtido nas escavações das baixadas.

Os primeiros anos da capital se caracterizam, portanto, por um lento processo de urbanização, onde não se verificaram muitas alterações para além do traçado de Pirro. A cidade cresceu por si mesma, casa por casa, lentamente, sem a ocorrência de muitas alterações em sua configuração física (Porto, 1991). Isso se deu, principalmente, pela topografia local, cujos terrenos alagados e compostos por mangues, dunas e morros dificultava as construções de casas e a abertura de novos acessos. As condições ambientais, nas explicações de Rabelo, impediram seu rápido desenvolvimento e desencorajou os indivíduos mais cautelosos (Rabelo, 2002).

Calazans (1942, p.20) acrescenta que os primeiros anos simbolizaram o combate do homem contra o riacho, contra o pântano, contra a lagoa, numa só palavra, contra a água, grande inimiga do povoado da nova cidade.

Outro fator que corroborou para refluxo urbano, nesse primeiro período, foi que, em seu primeiro e segundo anos como capital, Aracaju vivenciou uma epidemia de cólera a qual vitimou até seu próprio fundador, Inácio Barbosa⁴.

⁴ “Inácio Joaquim Barbosa nasceu no Rio de Janeiro e morreu em Estância, prestes a completar 34 anos. Ele foi uma das vítimas da epidemia coléra-morbus, que matou milhares de pessoas em Sergipe. Seu corpo foi sepultado na primeira igreja de Aracaju, a Igreja São Salvador, mas depois foi transferido para a praça, em um monumento que guarda os seus restos mortais.” Fonte: https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/78242/praca_inacio_barbosa_homenageia_o_fundador_da_cidade.html#:~:text=Poliglota%20e%20com%20boa%20forma%C3%A7%C3%A3o,milhares%20de%20pessoas%20em%20Sergipe.

A epidemia que atingiu a capital de *Cólera Morbus* foi um dos episódios mais dramáticos da história da província. Conforme aponta Amâncio Cardoso, a propagação da doença no Brasil teve seu primeiro registro em maio de 1855, na cidade de Belém, alcançando a Bahia em julho do mesmo ano e, em setembro, ultrapassando a fronteira sergipana. A enfermidade disseminou-se com rapidez, provocando temor e morte em diversas regiões do estado, inclusive, em Aracaju:

“Resvalando pela região do rio Sergipe, a peste se anuncia em Aracaju. Povoado elevado à categoria de cidade e capital em 17 de março de 1855. A incipiente urbe foi golpeada nos seus primeiros meses de vida. O cotidiano da cidade em construção foi embaraçado. De acordo com o testemunho de um dos seus primeiros moradores, “*Muitas cazas se tem principiado nesta cidade, porém não se tem continuado com ellas em vitude da epidemia [de cólera]*” (CARDOSO, 2001, p. 86)

Quase todos os povoados sergipanos, segundo os jornais da época, foram acometidos pelas febres intermitentes. Em Aracaju, durante os cinco meses da peste, morreram 142 pessoas e a soma total de vítimas em todo o estado foi de 15.112 vítimas. O Correio Sergipense, um dos principais veículos de mídia da capital, teve sua circulação interrompida por conta das enfermidades,

“Tendo sido acometidos das febres intermitentes que atualmente reinam nesta cidade a maior parte dos compositores e mais operários da tipografia, forçoso foi interromper por alguns dias a publicação do “Correio Sergipense”, falta que não foi possível remediar, por não haver nesta província pessoas da profissão tipográfica que se possam chamar para suprir o impedimento das que se empregam neste estabelecimento.” (CORREIO SERGIPENSE, 04 de agosto de 1855).

O viajante Avé Lallemente⁵, em sua passagem por Aracaju, em 1859, registrou as péssimas condições sanitárias da cidade, destacando “a falta de boa água potável” e as febres interruptas das quais ele próprio padeceu durante os dias que permaneceu na capital.

Segundo Almeida (2010), muitos aterramentos, que ocorreram na época, serviram como instrumento de controle para essas doenças, pois, muitos acreditavam que o principal vetor da enfermidade eram as águas paradas do manguezal. Em trechos de reportagens, os jornais associavam as causas do surto à vegetação da cidade:

“Revolvimentos da terra até então cobertas de uma densa vegetação, emanações de água estagnadas e de aterros ainda frescos, irregularidade da estagnação invernososa.” (CORREIO SERGIPENSE, 11 de agosto de 1855)

“Tem sido sepultados no cemitério desta cidade do Aracajú de 30 de outubro até 5 do corrente 108 cadáveres e tantos outros que se enterraram logo no princípio da epidemia do apicum.” (CORREIO SERGIPENSE, 19 de dezembro de 1855)

⁵ Relato de viagem do Médico alemão Robert Avé-Lallemant conhecido por sua obra “**Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe** (1859).

Posteriormente, ficou esclarecido que a peste não provém da escavação e revolvimento do solo, senão indiretamente, mas sim do mosquito propagador e das péssimas condições de higiene.

Uma das medidas adotadas pelas autoridades políticas sergipanas para combater os focos da doença, especialmente em Aracaju, foi a implementação de um Código de Postura, conjunto de normas que determinava diretrizes específicas para controlar a insalubridade das moradias e reduzir a propagação da enfermidade. Estabelecido pela Resolução nº 458 de 3 de setembro de 1856, foi uma das primeiras legislações municipais da cidade:

Art. 1º. Ninguém poderá edificar casa na Capital da Província, e Villas deste Município, sem previa licença da Câmara. Concedida a licença, a Câmara mandará dar o arruamento e alinhamento das casas pelos Fiscais, devendo esse trabalho ser dirigido na Capital por alguns dos Engenheiros ao serviço da Província, que para esse fim será solicitado da Presidência. O contraventor será multado em 10\$000 reis, e a casa será demolida é expensas do dono.

Art. 2º. Toda casa que se edificar, ou reedificar, terá vinte palmos de vivo de pé direito no primeiro pavimento, dezenove palmos de vivo no segundo pavimento, dezoito palmos de vivo no segundo pavimento, dezoito palmos no terceiro, e assim por diante, diminuindo sempre um palmo em cada andar, e na frente, junto do telhado, terá uma cornija, ou platibanda em toda a extensão do edifício. As portas, bem como as janelas de sacadas, terão treze palmos de vivo em altura, e cinco de vivo em largura. As janelas de peitoril terão oito palmos de vivo em altura, e cinco de vivo em largura. As portas decocheiras, e armazéns, terão dez palmos de vivo em largura, e quatorze palmos de vivo em altura até a bandeira, e dezesseis palmos e meio até o vivo da verga. Os contraventores, donos, ou administradores da obra serão multados em 30\$ réis, e coadunados á demolirem a mesma obra.

Além de reforçar o combate às doenças que ameaçavam se espalhar, o Código de Postura também tinha como propósito embelezar a cidade de Aracaju. Em contrapartida, grande parte da população era composta por moradores que não possuíam recursos suficientes para construir suas casas de acordo com os padrões exigidos pelas normas de conduta. Porto (1991), acentua que os menos abastados, vendo nas novas determinações um empecilho para obtenção de suas moradas, pularam para fora dos limites do quadro de Pirro.

Com relação ao segundo período, ocorrido entre 1900 e 1930, verifica-se um notável desenvolvimento, proporcionado pela intervenção do Governo Estadual na urbanização e embelezamento da capital. O avanço econômico ocorrido na época, em razão da Primeira Guerra Mundial, uma vez que os estados mais ao Sul, industrializados, passaram a depender do Nordeste para o fornecimento da matéria prima. O algodão também conhecido como “ouro branco”, depois do açúcar, era o produto que mais contribuía para o orçamento de Sergipe.

Nesse período ocorre, ainda mais que no anterior, obras sobre grandes extensões de áreas alagadiças com o intuito de abrir novos acessos e conter a insalubridade na capital.

Loureiro aponta que, nessa fase, entre os anos de 1900 e 1930, o estado retoma seu interesse pela cidade que se torna, mais uma vez, a principal propulsora de seu desenvolvimento.

No início do século XX, a cidade passa a adquirir novos contornos e um significativo crescimento. Desse modo, podemos ver o surgimento dos primeiros edifícios de entretenimento (1911) como o Teatro Carlos Gomes que posteriormente foi renomeado como Teatro Tobias Barreto e a Sala Cinematográfica Rio Branco, a qual se consolidou como um dos primeiros cinemas fixos da cidade. Houve também, aperfeiçoamentos na qualidade de vida, através do calçamento das ruas centrais (1900); da abertura de fabricas têxteis (1904); dos primeiros serviços de água encanada e saneamento (1908); de luz elétrica (1913); de serviços de esgoto (1914). Nesse período, inaugura-se a ferrovia (1914) e a rede telefônica (1919). Surgem os primeiros bondes de tração animal e, posteriormente, em 1926, os bondes elétricos. É importante ter em mente que até esse momento as construções se restringiram às áreas próximas do desenho urbano original, cujo arranjo era contemplado pela ocupação do solo e aterro das margens dos rios.

Mesmo com as melhorias na infraestrutura da cidade, o governo não conseguiu de forma satisfatória controlar os problemas relativos à saúde pública. Visto que, com o crescimento da população os problemas de higiene e saúde pública se mantinham em Aracaju.

Com o objetivo de conter a insalubridade da cidade, mais dois Códigos de Postura foram promulgados nesse período, o primeiro em 1912 e o segundo em 1926. Ambos com as mesmas finalidades de estabelecer padrões para os arruamentos e edificações da cidade. Os regulamentos determinavam que as obras deveriam seguir as técnicas modernas da época para garantir o eficiente escoamento das águas pluviais. Cruz (2016) destaca que, através desses ordenamentos, o traçado urbano seguiu normas para a composição e remodelação das ruas. Ao mesmo tempo, o Código de Postura foi um regulador da vida social da cidade.

Embora Aracaju possuísse um plano urbanístico, ela crescia espontaneamente nos entornos do traçado de Pirro. Isso se deve, principalmente, às condições socioeconômicas da população, já que nem todos os moradores tinham recursos para construir de acordo com padrões modernos e regulamentados, o que fez com que a parcela menos abastada se estabelecesse em outras áreas da cidade.

Desse modo, podemos observar que em 1920, ocorrem algumas transformações na configuração urbana de Aracaju provocadas, principalmente, pela reestruturação das áreas centrais da cidade, cujo projeto, orientado pelos Códigos de Conduta, visava expulsar dessa região segmentos da população de baixa renda que por ali ainda residiam.

De acordo com Porto, no final desse período, a cidade passa a ocupar as planícies entre os rios e dunas, como também começa a se expandir para o noroeste, dando início ao arruamento dos bairros Santo Antônio e Santa Izabel, assim como a abertura das primeiras ruas de “Aribé” (hoje Siqueira Campos).

É no transcorrer dos dois primeiros decênios do século XX que se observará um maior investimento na paisagem urbana, com especial atenção para o embelezamento da cidade, principalmente com o ajardinamento de alguns logradouros mais centrais e a revitalização das praças (Barbosa, 1992).

Com essas mudanças, ocorrem várias transformações e demarcadores sociais no espaço urbano da cidade. De acordo com Machado, deu-se início, nesse período, o zoneamento social dos bairros, e começam a se estabelecer os bairros de elite, os bairros de operários e os bairros de comércio e indústrias. (MACHADO, 1990, p.35).

É possível visualizar (figura 03), que em um período posterior, entre 1940-1960, a cidade passa por um crescimento espontâneo, o qual é promovido tanto pela participação das empresas de construção civil, quanto pela maior intervenção estatal na estruturação do espaço urbano. Observa-se, assim, uma maior expansão da cidade em direção à zona sul e oeste. Some-se a isso a descoberta do petróleo em Sergipe (1968), o que levou ao reaquecimento da economia local. Com a transferência da sede administrativa da Petrobrás para Aracaju, acelera-se o processo de urbanização.

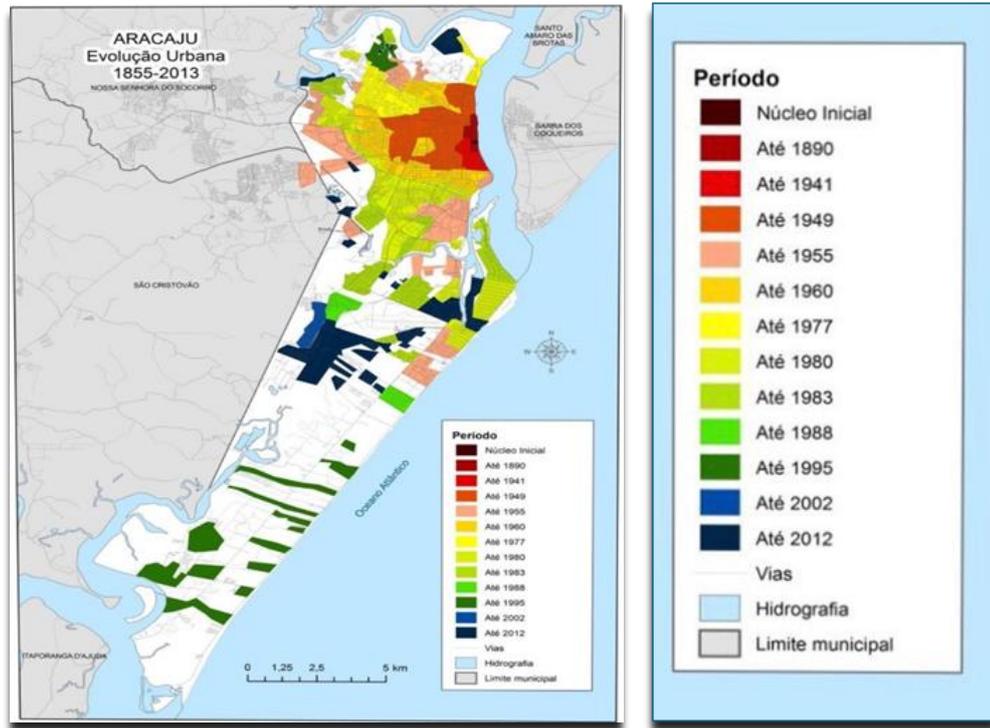


Figura 03 - Evolução Urbana, Aracaju, 1855 a 2013. Fonte: PDDU, 1995; CARVALHO, 2013.

Elaboração da consultoria

De acordo com Loureiro, durante a segunda metade do século XX, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1980, houve a ocupação gradativa de vazios urbanos de áreas alagadiças. A ocupação desses espaços, refere-se ao loteamento e construção às margens dos rios e dos manguezais da cidade.

Os fluxos migratórios, incluindo os provenientes de outros estados, resultaram em uma ocupação desordenada de várias áreas da cidade, muitas das quais foram criadas para esse propósito.

Os bairros se expandiram sem um planejamento adequado, levando a ocupações irregulares e a uma série de problemas urbanos, como precariedade na rede de saneamento básico, transporte, saúde e energia elétrica. Além disso, as regiões ribeirinhas e de manguezais foram ocupadas irregularmente, causando degradação ambiental. Assim, enquanto o centro de Aracaju recebeu investimentos e infraestrutura, os bairros periféricos cresceram sem planejamento adequado. Isso gerou uma disparidade na qualidade de vida, com áreas bem estruturadas contrastando com regiões de ocupação irregular e vulnerabilidade social. Na atualidade, esse complexo habitacional criou uma espécie de isolamento, tanto físico quanto social, que confere a certas regiões da cidade um tipo de insularidade, ao manter a população

em meio a enclaves habitacionais. Trata-se da malha fluvial que atravessa a capital e seu entorno, a qual vamos explorar mais detalhadamente no próximo capítulo.

3. CAPÍTULO - O RIO POXIM NO DESENHO URBANO DA CIDADE DE ARACAJU

É densa e consistente a produção bibliográfica referente à bacia hidrográfica do Rio Sergipe. Em contrapartida, é bem escassa a atenção voltada para o rio Poxim, sendo constituída, majoritariamente, por estudos sobre a qualidade da água, em vista de problemas de sanidade ambiental que ainda prevalecem a reboque da urbanização das terras dessa sub-bacia hidrográfica (WANDERLEY, 2013). Mais escassas ainda são as pesquisas que se debruçam sobre o aspecto humano nesse meio ambiente hídrico. Desse modo, neste capítulo nos voltaremos para as margens do rio Poxim, principalmente no trecho que cobre o município de Aracaju, o qual, assim como o Rio Sergipe, desempenha papel primordial no cotidiano da cidade.

A sub-bacia hidrográfica do Rio Poxim possui superfície alongada no sentido noroeste-sudeste, com área aproximada de 348,71 Km² e localiza-se na porção leste do estado de Sergipe, conforme o mapa da figura 04. Ele abrange, além de Aracaju, parte dos municípios de Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão.

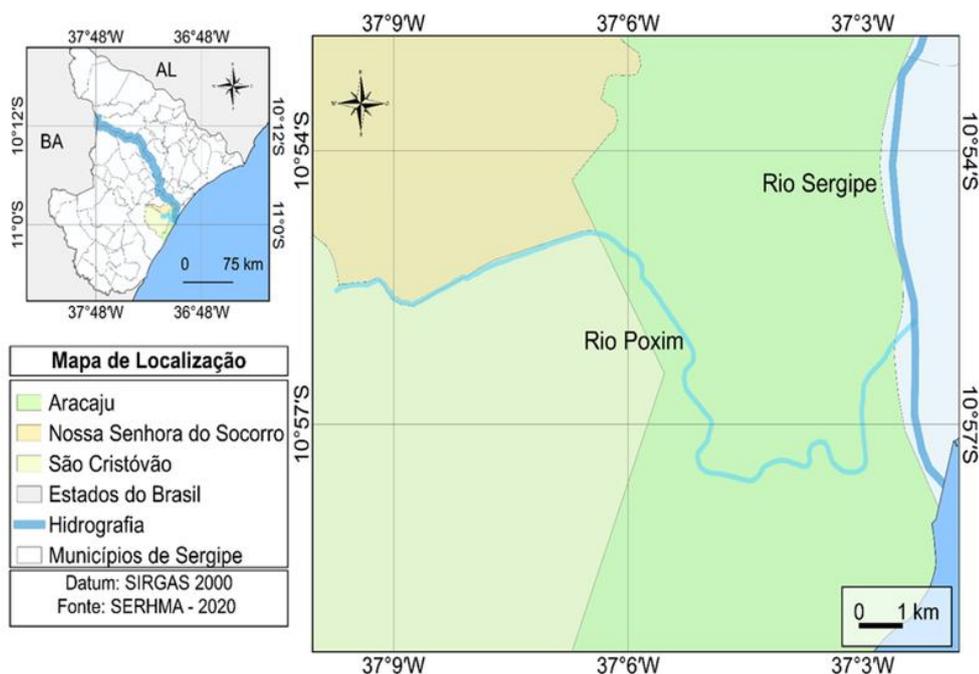


Figura 04 - Mapa com a indicação da localização do rio Poxim em Sergipe.

Fonte: Serhma (2020), Adaptado.

O Poxim é responsável por abastecer 25% da cidade de Aracaju e percorre diversas regiões da cidade. Formado principalmente pelos Rios Poxim-Açu, Poxim-Mirim, Poxim e Pitanga, o Poxim apresenta um formato alongado, limitando-se ao norte, com o Rio Sergipe (IBGE. 2019).⁶ O rio Poxim está inserido em um bioma de mata Atlântica, mas, atualmente, a vegetação nativa predominante se restringe a manguezais nos estuários, vegetação de restinga sobre os terrenos arenosos e alguns remanescentes, da floresta tropical úmida (VASCO et al 2011).

Com a transferência da capital, o povoamento de Aracaju foi acontecendo principalmente às margens do rio Sergipe. Nas décadas de 1920 e 1960 verificou-se uma expansão da cidade na direção das zonas noroestes e oeste (MATOS; SANTOS; LIMA, p.34). Esse movimento pode ser observado no mapa a seguir entre os anos 1930 e 1965:

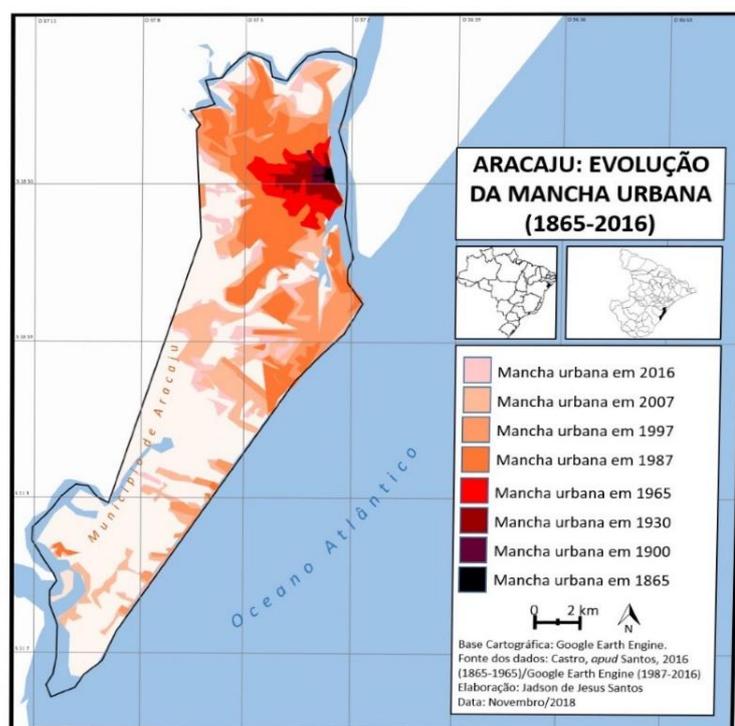


Figura 05- Aracaju: Evolução da Mancha Urbana. Fonte: Castro apud Santos, 2016a (1865-1965) /Google Earth Engine, 2016 (1987-2016). Elaboração Jadson de Jesus Santos.

É importante deixar claro que as margens dos rios não foram ocupadas de maneira simultânea, pois a vegetação dificultava o acesso a algumas regiões. Desse modo, a expansão

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/bibliotecacatalogo.html?id=441029&view=detalhes#:~:text=Notas%3A%20%20Rio%20Poxim%20tem.do%20Socorro%20e%20S%C3%A3o%20Crist%C3%B3v%C3%A3o.> > Acesso em 06/11/2024.

ocorreu de forma gradual. Assim aconteceu com o rio Poxim, cuja ocupação é recente. Em Aracaju, começou a se intensificar a partir da segunda metade do século XX.

De acordo com Santos (2021), uma das primeiras obras realizadas no leito do Rio Poxim foi a construção da ponte Juscelino Kubitschek, também conhecida como Ponte da Atalaia.



Figura 06 - Ponte Juscelino Kubitschek sobre o Rio Poxim, 1957. Fonte DINIZ, 2009.

Inaugurada em 1957, a Ponte Juscelino Kubitschek teve um papel fundamental na ocupação das margens do Rio Poxim em Aracaju. Sua construção facilitou a ligação entre o centro da cidade e a região sul, promovendo a expansão urbana e incentivando o crescimento de bairros como Coroa do Meio, Jardins, Inácio Barbosa, Farolândia e Atalaia. Atualmente a Ponte é popularmente apelidada como Ponte do Parque dos Cajueiros, pela sua proximidade ao local.

O Rio Poxim era cercado por áreas de manguezais e pequenas comunidades que viviam da pesca e da coleta de mariscos. Com a expansão de Aracaju, e a construção da ponte, as margens do rio passaram a ser aterradas e ocupadas por loteamentos e construções residenciais, muitas vezes sem infraestrutura adequada.

O rio Poxim é responsável por adentrar em diversos bairros, dentre eles Capucho, Jabotiana, São Conrado, Inácio Barbosa, Jardins, Farolândia, Atalaia, e a Coroa do Meio. Alguns perímetros são bastante enobrecidos, outros nem tanto. Essa diversidade de locais permitir a possibilidade de diversas sociabilidades às margens do rio.

O rio possui múltiplos usos relacionados ao transporte e, principalmente, a atividades de pesca. No entanto, como será exposto adiante, o crescimento regional aliado à crescente exploração imobiliária às margens do rio, levou à degradação de suas águas. A poluição faz com que não somente o Poxim, mas também os usos passem por diversas transformações.

3.1 A DINÂMICA DAS PAISAGENS: INCURSÕES A CAMPO.

Susan Sontag afirma que a fotografia captura momentos específicos, congelando o tempo e isolando cenas do fluxo contínuo da vida. Ela argumenta que a fotografia é amplamente usada como uma forma de registrar e preservar eventos. Imagens fotográficas podem servir como prova de que algo realmente aconteceu, dando credibilidade a narrativas e memórias: “As fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto” (SONTAG, 2004, p. 14). Ela utiliza como exemplo as fotografias de guerras, desastres e movimentos sociais que se tornam marcos visuais que moldam a história e a memória coletiva. Embora a fotografia seja vista como um meio objetivo de testemunhar a realidade, Sontag destaca que ela não é neutra. Cada foto é uma escolha, refletindo a visão do fotógrafo.

Considero essa perspectiva relevante para compreender as intenções das fotografias selecionadas nesse subtópico. Desse modo, este capítulo nos conduz a um registro visual das margens do Poxim, produzido durante as incursões a campo em lugares e momentos diferentes, mas que juntas possibilitam uma representação visual desse ambiente.

O percurso do rio Poxim em um primeiro momento foi realizado por via terrestre, desde sua desembocadura até o ponto onde ele atinge o município de Aracaju, na divisa com São Cristóvão sob a “Ponte da UFS”. Logo em seguida, esse movimento de visitas foi intensificado com a travessia do rio por embarcações fluviais, com o auxílio dos pescadores da região. Os dois trajetos foram importantes, pois puder estabelecer contato prévio com alguns moradores e ter esse primeiro contato com o meu objeto que era o Poxim, assim como puder compreender melhor os meandros da cidade.

Durante as incursões adentrei em diversos bairros e lugares de Aracaju banhados pelo rio, dentre eles o Parque dos Cajueiros, o Parque Ecológico do Rio Poxim, os bairros Inacio Barbosa, Jabotiana, Atalaia, Orlando Dantas, Capucho, como também a Coroa do Meio e o Pantanal, objetos privilegiados deste capítulo.

O primeiro bairro visitado foi a Coroa do Meio tanto no percurso terrestre quanto no de barco. Quando questionados sobre o nome do bairro, os moradores apontam que a Coroa do Meio possui esse nome por conta das coroas de areia formadas em seu interior.

Em conformidade com Wanderley (2006), que estudou a dinâmica da foz do rio Sergipe, recorrendo, dentre outras fontes, a fotografias aéreas e a cartas náuticas da Marinha datadas de 1823 a 1927, a Coroa do Meio formou-se a partir da união de duas áreas arenosas na desembocadura do Rio Sergipe. Conforme visualizado na figura 07, com o tempo, essas coroas se uniram ao pontal arenoso, resultando na configuração atual dos bairros Coroa do Meio e Atalaia.

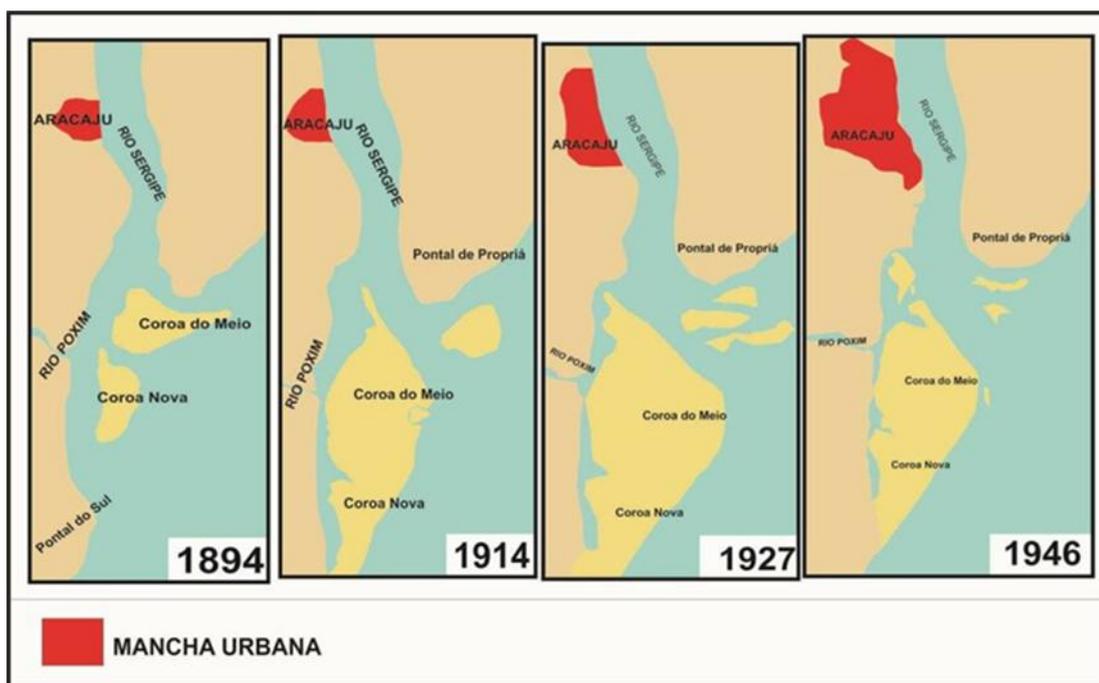


Figura 07 – Formação da Coroa do Meio na desembocadura do rio Sergipe. Modificado das cartas náuticas dos anos de 1894,1914,1927 e 1946. Fonte: Souza, 2016.

Com relação a ocupação humana na Coroa do Meio, a partir da década de 1960, a área começou a ser ocupada por migrantes do interior de Sergipe. Esses primeiros habitantes instalaram-se em casas de palafitas às margens do rio. Posteriormente, a Prefeitura de Aracaju, por meio de sua empresa de urbanização, iniciou os projetos de aterro e loteamento das áreas alagadiças da Coroa do Meio. Contudo, essa política de aterramentos se revelou um fiasco imobiliário, uma vez que as alterações provocadas na dinâmica marinha, forçou os especuladores, receosos da ameaça de invasão do mar sobre os terrenos recém aterrados, a abandonarem seus investimentos (RAFAEL; SANTOS; SANTOS, p. 14, 2024). Atualmente, a Coroa do Meio é um bairro consolidado de Aracaju, abrigando uma diversidade de habitação.

No bairro me dirigi à “Associação Mista dos Pescadores da Coroa do Meio”, onde localizei alguns homens jogando conversa fora. Senti certa desconfiança por parte deles com relação à minha presença. Também observei que havia embarcações ancoradas.



Figura 08 – Fachada da Associação de Pescadores da Coroa do Meio. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023.



Figura

09 – Embarcações as margens da Draga. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023.

Nessa primeira visita tive a oportunidade de conversar com Irmão Reis, presidente da associação, pescador e navegador experiente. Na ocasião foi combinado que Irmão Reis seria

o guia do percurso fluvial. No entanto, no dia marcado, quem me acompanhou foi Maçoni, outro pescador da região.

Ainda na Coroa do Meio, chamou-me a atenção o “Bar da Draga”, estabelecimento próximo à associação, muito conhecido por todos da comunidade. Em conversa com Reis, descobri que o bar possui esse nome por conta das dragagens realizadas durante o processo urbanização e terraplenagem do próprio Bairro da Coroa do Meio e para a construção do shopping Riomar (1987). Ele conta que essa laguna artificial, popularmente conhecida como Draga, surgiu a partir das escavações que se fizeram no solo para aterrar áreas alagadas do bairro.

No início do percurso fluvial fomos descendo pelo rio, no trecho em que ele ainda banhava o próprio, onde verifiquei a baixa presença de casas e onde o mangue ainda é o tipo de vegetação dominante.

O guia Maçoni é uma pessoa extremamente simpática. Aparece ter uns 50 anos, possui pele negra e olhos verdes. É natural de Pacatuba, mas reside na Coroa do Meio há 32 anos. Diz que aprendeu a pescar durante a juventude com seu pai e irmãos.

Maçoni demonstrou apurado conhecimento da flora local. Quando questionado sobre as especificidades das raízes do mangue, Maçoni, diz que no rio o principal tipo que se encontra é o mangue brabo e o manso. Sendo o brabo aquele que possui suas raízes expostas, também conhecido como sapateiro, e o manso é aquele em que as raízes são mais escondidas.

Em relação às histórias de assombração, quando perguntado se já havia visto ou ouvido algo, Maçoni negou, dizendo-se cético, mas revelou que sempre se previne carregando um pouco de tabaco consigo. Contudo, poucos minutos depois, ele voltou atrás como quem não acredita nem em si e contou que um dia, por descuido acabou esquecendo de trazer o fumo. Ele não soube dizer se por acaso ou coincidência, findou se perdendo dentro do rio em um trajeto que costumava fazer praticamente todos os dias. Ele também nos falou dos barulhos e vultos que já viu com o canto dos olhos, mas que costuma não dar “corda” e segue no mesmo trajeto, como se não fosse nada e achando estar sendo traído pelos próprios sentidos.

Além das possíveis presenças sobrenaturais, Maçoni também destacou que o rio possui suas divisões territoriais, onde o acesso é restrito para quem não é daquela localidade, como a Comunidade do Pantanal, por exemplo. Em determinado trecho do percurso, não pudemos ir adiante, justamente por esse motivo.

Mesmo com trechos largos, o rio Poxim se caracteriza por ser, em sua maior parte, bem estreito. Durante o percurso fluvial foi possível vislumbrar bem as suas limitações laterais. Em alguns trechos o leito era delimitado de lado a lado pelo mangue (figura 12), noutros trechos,

pela paisagem urbana. No rio, pouco se ouvia o barulho dos veículos que transitavam pela cidade, já que o manguezal, com sua variedade de árvores e raízes que crescem acima da água, servia como um bloqueio natural aos sons externos. O cheiro era mais forte e fétido nas áreas com maior densidade populacional.

Em trechos menos habitados, podia se notar a presença de muitas aves, principalmente da garça branca.



Figura 10 -Garça Branca alcançando voou. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023



Figura 11 – Vista panorâmica do Rio Poxim. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023.

Seguimos para a Farolândia e passamos sob a ponte Juscelino Kubitschek e pelo Parque dos Cajueiro, próximo a ponte.



Figura 12– Ponte Juscelino Kubitschek, situada sobre o rio Poxim, que liga o Bairro da Atalia ao Centro da cidade. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023

No bairro Inácio Barbosa passamos sob a ponte Gilberto Vila Nova. Embaixo dela conversamos com um morador que disse ter visto todo o processo de construção da obra. Segundo ele, algumas famílias tiveram que desocupar o local por conta da construção.

Passando pela comunidade do Pantanal, também localizada no Inácio Barbosa, pude ver a presença de aglomerados de casas, muitas construídas rente ao leito do rio e de modo desordenado (figura 15). O Pantanal é uma região cuja origem remonta ao começo dos anos 1990. Na década de 2000, passou por sucessivas obras de revitalização promovidas pela prefeitura municipal. No entanto, as intervenções públicas não foram suficientes para diminuir os baixos índices de desenvolvimento humano locais, nem para resolver as condições precárias do saneamento básico de água e esgoto (SANTOS; SANTOS; RAFAEL, 2024).

Na comunidade, o rio se apresenta como espécie de quintal dessas residências, razão pela qual, em muitos casos, se não na maioria, o esgoto é despejado diretamente no rio (figura 14 e 15). Pude ver muitos resíduos de construções e lixo aglomerado às margens.

Em determinado trecho pude ver até um colchão boiando no meio do rio, fora as sacolas plásticas, as garrafas pets, entre outros detritos. No decorrer do percurso, Maçoni recolhia o

lixo que podia. Ele me disse que todo aquele material com o tempo desce na direção à desembocadura, o que afetaria ainda mais as condições da pesca na Coroa do Meio. Ele informou que, naquele trecho onde estávamos se afundasse o remo podia-se sentir o lixo no fundo rio.

Situações como essas comprovam como o estado e as entidades ambientais pecam em planejamentos urbanos que não visam um desenvolvimento ecológico e sustentável. A comunidade do Pantanal localiza-se em área marginal da cidade, embora não tão recôndita. Carente de políticas públicas, ganhou o estigma de comunidade violenta. A população local, na ausência de uma educação ecológica e da falta de saneamento básico acaba despejando o lixo e fazendo construções arriscadas no próprio leito do rio.



Figura 13– Homem em meio a amontoados de lixo ao leito rio Poxim. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023



Figura 14 – Canos de esgoto direcionados ao rio. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023



Figura 15 – Vista panorâmica da comunidade do Pantanal de dentro do Rio Poxim. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023

Por fim o percurso terrestre foi finalizado na ponte que liga São Cristóvão a Aracaju. Nesse trecho o percurso precisou ser feito de carro, já que o rio não apresentava condições navegáveis desde o bairro da Jabotiana. Durante o caminho até a ponte passei por condomínios que carregavam o nome do rio como o “Recanto do Poxim” e a “Águas do Poxim”.

Em suma, o rio Poxim se caracteriza por ser um rio situado tanto em zonas enobrecidas da cidade, quanto em áreas mais pobres. A poluição é um marcador presente em todos os trechos do curso do rio.

Em algumas regiões o rio é invadido pelos quintais das casas. Em alguns condomínios pude ver dutos de esgoto sendo despejados nas proximidades dos rios. A própria posição dos prédios, em sua maioria construídos de costas para o rio e o mangue, é indicativo da atitude da cidade e dos construtores para com o rio, negando a sua existência. Em nenhum dos trechos em que passei a água era propícia para banho e em todos os relatos obtidos junto aos pescadores, eles concordaram com a diminuição na quantidade de peixes.

De dentro do rio observei diversas paisagens e me impressionei sobre como a dinâmica do rio muda; como se ele também reagisse à cidade. Quando isolado ele é barulhento e selvagem; em áreas mais pobres ele é manso e contido e em áreas nobres ele se esconde, quase se fazendo invisível. Não se consegue ter um vislumbre satisfatório do rio a não ser em cima das pontes, uma vez que os prédios e a mata o escondem. Entretanto, dentro do barco a perspectiva é diferente. Em algumas passagens podia-se ver o rio, o mangue e logo atrás aglomerados de prédios, como um lembrete de que das margens brotam as cidades e não o contrário. As fotografias a seguir mostram um pouco desse cenário.



Figura 16 – Visão ampla do rio Poxim e do conjunto de edifícios do bairro Jardins. Fonte: Ana Caroline da Paz

Santos, 2023



Figura 17 - Vista panorâmica da cidade dentro do Rio Poxim. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2023



Figura 18– Vista do Rio sob a ponte Godofredo Diniz, que interliga o bairro Jardins e Coroa do Meio.

4. CAPÍTULO - A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO PANTANAL E DA COROA DO MEIO SOBRE O RIO POXIM

Para o recolhimento dos dados apresentadas nesta sessão foi utilizada a abordagem de história proposta por Queiroz (1987), a qual, fornece uma narrativa contínua, que conecta eventos significativos à contextos sociais ao longo do tempo. Desse modo, a história de vida se define como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando

reconstruir acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global que cabe ao pesquisador desvendar.” (QUEIROZ, 1987, P. 275).

A autora utilizou a combinação de métodos como: observação direta, entrevistas e história de vida, com o objetivo de se aprofundar na compreensão das experiências individuais dentro de contextos sociais mais amplos. Considero a perspectiva exposta por ela pertinente para analisar as categorias propostas neste trabalho, pois possibilita compreender os modos como os ribeirinhos se relacionam, participam e transformam o ambiente em que vivem. Dessa maneira, segundo Queiroz, a história de vida é composta pela realidade social narrada pelo entrevistado e posteriormente formalizada pela análise do conteúdo, pelo pesquisar, a qual permitir uma descrição objetiva e sistemática das informações colhidas.

O recolhimento dos dados para a constituição das histórias aqui contidas foi feito através de contato prévio com os moradores de cada bairro, seguido pela realização de entrevistas semiestruturadas com eles. Foram entrevistadas duas moradoras da Comunidade do Pantanal sendo uma delas integrante da Associação de Moradores e, na Coroa do Meio, foram entrevistados dois pescadores, sendo um deles o presidente da Associação de Pescadores da Coroa do Meio.

Inicialmente, o contato com a primeira interlocutora do Pantanal se deu por meio de mensagens via Whatsapp, a partir de uma conhecida em comum. Já o contato com a segunda moradora, se deu de forma rápida, uma vez que nos encontramos na própria comunidade. Conversamos casualmente a respeito do assunto, quando expliquei, para as duas, os pormenores da pesquisa. Já o contato com os pescadores se deu também de forma mais rápida e tranquila, devido ao fato de já ter conversado com ambos durante a pesquisa de iniciação científica sobre os rios da Grande Aracaju. A eles também expliquei, antes de começar a entrevista, sobre o que tratava a pesquisa. Todas as entrevistas foram marcadas com antecedência e realizadas de forma presencial nas localidades dos interlocutores. Foram utilizados recursos de gravação de áudio e câmera digital com intuito de fotografar a paisagem ao redor com a autorização e supervisionamento dos entrevistados.

Foram aplicados dois roteiros de entrevistas, um para cada perfil de moradores. Ambas as entrevistas tiveram dois eixos principais: a) as trajetórias sociais de cada um dos moradores, sendo elas analisados com base em questões relacionadas a temas como a idade, a atividade econômica, locais de moradia, e atividades de lazer e transporte; e b) a percepção dos moradores para com o rio Poxim e as transformações ocorridas na paisagem. Tais enforques (trajetórias

sociais e percepções) possibilitam ver as formas de sociabilidades as margens do rio a partir do modo como esse grupo de moradores se relacionam com o Poxim e a comunidade onde vivem.

4.1 OS PESCADORES DA COROA DO MEIO (IRMÃO REIS E MAÇONI)

José Reis dos Santos, mais conhecido como Irmão Reis é pescador e líder da Associação de Pescadores da Coroa do Meio. Ele tem 63 anos, nasceu em São Cristóvão e, há 44 anos, reside na Coroa do Meio. Reis e a esposa Edileuza, são aposentados pela pescaria, e possuem casa própria construída em alvenaria.

Quando se mudou para a Coroa do Meio, Reis, descreve que ali, nas mediações da Draga, era tudo favela; não tinha saneamento, asfalto e nem esgoto. Ele residia em um barraco de madeira nas proximidades da maré. No início, as construções eram predominantemente casebres de palafitas erguidas por pescadores e famílias de baixa renda que se estabeleceram ali devido à proximidade do mar com o rio, facilitando a pesca e outras atividades de subsistência. Muitas das primeiras residências não tinham acesso adequado a saneamento básico, energia elétrica e ruas pavimentadas. Irmão Reis se recorda que ele e sua família tinham que fazer as necessidades básicas no próprio rio. Posteriormente o bairro passou a ser mais valorizado por sua localização estratégica, próximo à Orla de Atalaia.

Durante o processo de urbanização, alguns governos tiveram influência direta na vida dos moradores do bairro, a exemplo de João Alves que na época de seu mandato quis realocar os moradores da Coroa do Meio para a Terra Dura, hoje conhecida como Santa Maria.

Irmão Reis: A gente sofreu muito aqui na época do João Alves, sem querer que a gente ficasse aqui, queria tirar a gente daqui. Muitas pessoas levaram para a Terra Dura e nós resistimos.

Carol: Por quê?

Irmão Reis: Porque aqui ele achou que aqui era o lugar do rico, né? Não era o lugar da favela. E o governo de Marcelo Déda, Graça de Deus, ele disse, não, eu não vou tirar nenhum de vocês. Vou deixar vocês aqui. E assim ele fez. Graças a Deus, ele aterrou e fez essas casas. Muitos venderam. (Irmão Reis, 10 dez 2024)

Irmão Reis pesca desde os sete anos. Aprendeu o ofício com os pais e avós, uma vez que toda a família vivia da pesca. Como perdeu a mãe muito cedo, teve que se virar sozinho. Relata que passou por muita dificuldade durante a infância e adolescência tendo que pedir e disputar por comida. Ele conta essas histórias como um relato pessoal de tudo que viveu e de como esses momentos mostraram que o que fez de ruim para si e para os outros, ele colheu na frente. Para ele o mesmo acontece com o rio. Diz que o descaso com o Poxim terá consequências pela frente e que essas consequências já podem ser vistas através da diminuição dos peixes.

Quando questionado sobre suas recordações do rio e da paisagem ao redor, ele conta que antes era muito diferente: “era às mil maravilhas, tudo limpinho, só areia, não tinha lama, parecia a praia.”.

O mangue é uma espécie de berçário. Reis conta porque o peixe não desova no mar, mas sim no mangue. Depois da desova, o peixe costuma ficar na ribanceira se alimentando. Desse modo, a Coroa do Meio, por estar muito próxima ao mangue, e por ser uma via em direção ao Poxim, era o encontro de pescadores de várias localidades.

Ele recorda que há 20 anos vinham pescadores do bairro Industrial, do Santa Maria, da Barra dos Coqueiros, de Laranjeiras, Atalaia, além de outras regiões. Com o tempo esse contingente de pescadores diminuiu. Na época os pescadores não tinham o arrastão que é uma espécie de rede usada para a captura do peixe; eles mesmo faziam seu “engordo” que consiste na quebra e mistura do caranguejo, do siri e do chamamaré para fazer a isca do peixe. Depois disso, os pescadores se reuniam na popa e proa do barco. Eram em torno de seis pescadores em cada embarcação. A noite é o período do dia em que o peixe fica mais desorientado. Desse modo, os pescadores costumavam ir para o rio para passar a noite. Reis se recorda que era comum para ele ir para maré em um dia e voltar no outro. Essa prática, de passar a noite no rio, ainda existe, mas diminuiu muito.

Todo mundo conversava, cada um contava sua história de pescador. E cada um levava um bocado, porque Deus é tão bom que dá tudo a nós. Hoje em dia, a gente vai procurar peixe e o peixe vai embora, né? Que não tem onde ele ficar. (Reis, 18 dez 2024)

Com relação aos ofícios e modos de fazer, Reis, destaca a importância de se compreender o funcionamento das marés que, nada mais são que os movimentos do rio ligado às fases da lua. As marés influenciam não somente a dinâmica do rio e comportamento dos peixes, mas também os modos de fazer dos pescadores e marisqueiras artesanais No Poxim, pudemos encontrar a maré morta e a maré grande. Na maré morta o rio perde profundidade. É nessa maré que o marisco “murcha”. Já na maré grande o rio cresce, tornando-se mais “inchado”. Para o pescador é mais vantajosa a maré grande; já para marisqueira, é a maré de lançamento até a lua cheia. Reis, relata que a melhor maré ocorre pela manhã durante o segundo dia da lua crescente, pois, nesse período o peixe sai para comer.

As principais espécies de peixes que podem ser encontradas no Poxim são a tainha, o robalo, a curimã, a carapeba, dentre outros. Reis, destaca que a captura do peixe depende muito do tipo de rede. Quanto maior o peixe, maior deve ser a rede de nylon. As redes que os pescadores mais utilizam na Coroa do Meio são as de nylon 20 ao 120. As maiores são as mais caras. Desse modo, elas demandam dos pescadores um investimento maior.

Sobre os impactos ambientais, Irmão Reis conta que a quantidade de peixes já não é mais a mesma de anos atrás:

Porque o rio era fundo. E aqui é onde o peixe fica. Porque sem ter água, quando a maré está seca, o peixe não fica. Porque ele precisa do oxigênio para sobreviver. E se a água está poluída e está seca, não tem como o peixe ficar. O peixe fica onde? Vai ficar na lama, vai ficar na areia? [...] O peixe precisa de água funda, o peixe precisa de pau e o peixe precisa de pedra para se defender. (Irmão Reis, 12 dez 2024)

A poluição, muitas vezes resultado do avanço urbano e industrial desordenado, compromete a qualidade da água, reduz a biodiversidade e torna a pesca inviável. Ele relaciona a poluição do rio sobretudo a ação humana.

Reis, relata que tudo ali costumava ser mangue, e o mangue foi aterrado.

Nós fomos quem subimos por cima da lama. Você sabe quantos caranguejos foram matados aqui? Quantos sururus? quantas ostras? O peixe que ficou lá na poça ficou aterrado, o caranguejo, o siri. Tudo está aterrado aqui. O que a gente tem que falar, é pedir desculpa e perdão a Deus pelos feitos que a gente fez e que continua fazendo. (Irmão Reis, 12 dez 2024)

Reis ainda conta que toda a área do shopping Riomar até a Associação foi aterrada com a areia que saiu da draga. Podemos ter uma noção das proporções de aterro quando olhamos para a amplitude da draga e constatar que aquele lago gigante a alguns anos atrás não existia.



Figura 19–Lago Artificial (Draga) da Coroa do Meio com algumas embarcações ancoradas. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2024.

Ele evidencia em todas as suas falas como o rio sofre. Ele pode ver esse sofrimento na pouca profundidade, uma vez que o rio ficou seco, na ausência dos peixes, na qualidade da água etc.

Segundo ele:

Tudo que vai pro rio, vai contaminando o rio. Vai matando o mangue, vai matando o marisco. Então, a gente vê hoje, eu vejo o rio uma... **o rio hoje não chora porque não tem lágrima. Mas eu choro no lugar dele.** Porque, muitas vezes eu quero fazer minha parte, mas sozinho não posso fazer nada, né? (Grifo meu)

Ainda relata que as mudanças que ocorreram no Poxim nesses últimos 10 anos foram muito tristes para os pescadores; significaram muitas perdas. Na condição de pescador, Reis demonstra sofrer muito com a poluição. Para além da questão financeira ele diz: “O rio... O rio é a minha vida, né? Eu nasci, e sempre vim do rio. Vivo no rio. O rio é como o ar que eu respiro.” (Irmão Reis, 12 dez 2024)

A citação acima enfatiza que o rio não é apenas um meio de subsistência financeira, mas também uma extensão da identidade e da essência das vidas dos que habitam e trabalham nas suas margens. A fala de Irmão Reis, ao relacionar o rio à vida e ao ar que respira, carrega um simbolismo poderoso sobre a interdependência entre a natureza e a sociedade. Para os pescadores do Poxim, o rio não é apenas um recurso natural explorado de maneira utilitária, mas um elemento central de suas existências, que define quem são, como vivem e como se conectam com o mundo ao seu redor. As "muitas perdas" refletem um cenário de crescentes transformações sociais e ambientais, que afeta diretamente os modos de vida baseados na pesca artesanal. Esse mesmo sentimento podemos ver nas falas de Maçoni:

Carol: E como o senhor enxerga o futuro do rio?

Maçoni: O que eu enxergo o futuro do rio, já falei três ou quatro vezes, mas vou repetir. Alguém ter pena dele. Porque se não tiver pena dele, ele vai continuar sofrendo e se acabar. A palavra de chorar já falei, né? Então, ele já vive chorando. E ele quer um colo. Para sobreviver. Alguém que console ele para que ele sobreviva. Porque ele está sofrendo muito. (Maçoni, 10 dez, 2024)

Maçoni tem 58 anos. É natural de Ponta dos Mangues em Pacatuba/SE, filiado à Associação de Pescadores da Coroa do Meio e reside no bairro há 34 anos. Ele veio para Aracaju em busca de melhores condições de vida, principalmente, por conta da filha doente. Ele conta que o interior onde morava era muito humilde, muito pobre, desse modo, ele vislumbrou em Aracaju uma condição financeira melhor para ele e a sua família.

A entrevista com Maçoni ocorreu em uma pracinha ao lado da associação, localizada em uma área central da Coroa do Meio. Enquanto conversávamos notei muito movimento de carros, motos, moradores e pescadores. Maçoni possui uma personalidade bastante tranquila e descontraída, como já possuíamos um certo vínculo, a entrevista transcorreu muito bem. Ele,

assim como Irmão Reis, respondeu às perguntas do roteiro e a outras que surgiram durante suas explicações, de modo muito satisfatório.

Antes de começarmos ele me contou que havia passado por diversos problemas de saúde desde nosso último encontro. Lembro-me de que, durante o passeio de barco que ele conduziu, Maçoni fez uma pausa para tomar uma cerveja, comentando que gostava bastante, especialmente naquele sol quente. Porém, neste segundo encontro, ele revelou que parou de beber e fumar, mas relatou com tristeza que ficou mais de dois meses sem pescar devido aos problemas de saúde. Diz estar se cuidando para viver mais um pouco. Após várias atualizações do cotidiano, entramos no tema principal da conversa que era o rio Poxim.



Figura 20 – Associação de Pescadores da Coroa do Meio. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2024.

Maçoni relata que desde que chegou em Sergipe sempre residiu na Coroa do Meio. Aqui realizou diversos trabalhos. Durante uma época foi terceirizado, mas mesmo com o salário-mínimo ele pescava para complementar a renda. Ele conta que sempre foi pescador; aprendeu com o pai durante a infância para ajudar na renda da família e nunca mais parou.

Na entrevista ele evidencia a importância do rio para sua atividade pesqueira:

Rapaz, é o alimento, né? O rio aqui é o alimento [...] que eu tire o sustento de dentro dele. O peixe que eu pego, tanto como, e quando sobra um pouquinho, pego um pouquinho a mais e eu vendo, para ganhar um dinheirinho para comprar a outra alimentação, pão, açúcar, café, essas coisas. Tem um futurozinho dentro do rio. (Maçoni, 10 dez 2024)

Assim como Reis, Maçoni, notou a diminuição na quantidade de peixes no rio por motivos ecológicos. Ele relata que já chegou a pegar 40 quilos de tainha em uma pescaria só. Esse número baixou para 03-04 quilos em uma maré boa.

Aqui no ano, antigamente, nessa época, 20 anos atrás, 30 anos atrás, era com frequência. Você ia lá para pegar 10 quilos era ligeiro, era 20 quilos, 30 quilos. No mínimo, 5 quilos você trazia. Hoje em dia, para você pegar 5, 10 quilos, tem que dar sorte. Não é toda maré, nem é todo mês que esse peixe entra. Porque está muito raso, está muito seco, muito poluído, água quente. (Maçoni, 10 dez 2024)

A poluição deixou o rio seco e sem oxigênio o que faz com que os peixes voltem rapidamente para o alto mar, pois, percebem que o clima ali não é bom. Ele relata que o rio, antes, era muito fundo. Para atravessar de um lado para o outro “tinha que ter vergonha, eram poucos os cabras que desciam”. Atualmente, a escassez de água e o excesso de lama dificulta até a saída dos barcos.

No que diz respeito aos saberes e práticas locais, ele explica como as fases da lua influenciam o nível da água do rio. Os períodos de lançamento coincidem com as fases crescentes da lua e, à medida que ela se torna cheia, a maré “incha”. Quando a lua ficar cheia, terão duas marés iguais, após as quais o nível de água começa a diminuir, razão pela qual se chama maré de quebra ou maré morta. Esses períodos têm um intervalo de 15 dias. Nos primeiros 15 dias a maré vai subir até chegar ao seu auge, na lua cheia e, 15 dias depois ela baixa.

Segundo Maçoni, os melhores períodos para a pesca no rio são quando a lua começa a crescer. No rio Poxim, a maré morta é bastante fraca, principalmente devido à presença de um peixe chamado Capadinho, o qual prefere a lama e tem muitos espinhos, que frequentemente se prendem ao nylon, exigindo muita paciência do pescador para removê-lo da rede

Ele sugere que, para garantir uma boa pescaria, o ideal é passar a noite ou permanecer até tarde na maré, já que, com a escuridão, os peixes têm mais dificuldade para enxergar a rede. Esse relato me levou a questioná-lo sobre o frio, uma vez que a noite a temperatura cai muito, então, ele me contou que enquanto estiver vendo o peixe e estiver acompanhado, o tempo passa que ele nem vê.

Com relação às embarcações, os valores variam de 04 a 16 mil a depender do tipo de navegação que aquele barco vai desempenhar. Os barcos são adquiridos no estaleiro do bairro Industrial ou no estado de Alagoas. As manutenções são feitas pelos próprios pescadores de forma coletiva. Maçoni diz que não fica um acabamento profissional, mas que os pescadores conseguem dar um jeito: “um ajuda o outro”. A importância da manutenção reside na sua influência sobre a durabilidade, pois, quando bem preservada, uma embarcação pode durar em

média 30 anos, enquanto a falta de cuidados reduz esse tempo para cerca de 3 anos. Os reparos com resina e manta são fundamentais para garantir a resistência e a vida útil do barco.

O destaque para as manutenções realizadas pelos próprios pescadores é um reflexo da solidariedade e do senso de comunidade que caracterizam esses trabalhadores. Apesar de considerar que o acabamento não é profissional, conforme indicado por Maçoni, a prática de "um ajuda o outro" reforça a capacidade de adaptação e resistência daqueles pescadores diante das adversidades.

No que se refere às transformações na Coroa do Meio, Maçoni diz que mudou muito, em alguns aspectos de modo positivo, uma vez que a paisagem era composta por favela e muitas casas de palafita. Com as revitalizações, o bairro ganhou algumas melhorias, como casas de alvenaria, saneamento e asfalto.

Com relação ao rio, as transformações não foram tão vantajosas assim. O rio antes era muito diferente de como se encontra atualmente. A água costumava ser mais limpa, o cheiro mais agradável e os peixes mais abundantes. A principal alteração que ele diz ter visto no leito do rio desde que se mudou para Aracaju foi o sofrimento do rio Poxim, principalmente nas áreas centrais da cidade.

O rio só sofreu. Do meu entendimento para cá, só sofreu. Principalmente dentro da cidade. Em qualquer cidade. Aracaju, que a gente conhece, né? Aqui é Coroa do Meio. Então, o tempo que eu conheço aqui a Coroa do Meio. O rio vem sempre sofrendo. (Maçoni, 18 dez 2024)

Há 30 anos o rio chegava aonde queria porque era o movimento das águas quem decidia, mas com os aterros ele foi perdendo autonomia para a cidade. Ele ainda relata que o bairro Jardins era todo mangue e maré e hoje não é mais por conta dos inúmeros aterros na região.

Pesquisadores como Wanderley e Mendonça Filho (2013) enfatizam que a exploração dos recursos naturais e a expansão da malha urbana na bacia aracajuana do Poxim, tanto no sentido oeste-leste, quanto no sentido leste-oeste, causaram mudanças significativas na superfície e nas áreas de Preservação permanente, afetando quase todos os bairros, com destaque para o Bairro Jardins, localizado na zona sul de Aracaju.

A inauguração do Shopping Jardins, em 1997, impulsionou o crescimento da região, resultando em uma transformação na paisagem urbana do bairro. Surgiram novas avenidas e edifícios residenciais, consolidando o bairro como um dos mais nobres da cidade. Entretanto, o desenvolvimento do bairro teve como resultando o aterramento de diversas áreas alagadiças que caracterizavam seu solo. Nessa conjuntura, podemos observar que o Shopping Jardins, assim como o Riomar, se ergueu às custas dos espaços naturais da cidade.

A poluição prejudicou tanto o rio quanto o mangue. Maçoni conta que já encontrou diversos tipos de lixo dentro do rio, como sacolas plásticas, sofá, cama, colchão, geladeira, entre outros. Ele atribui a poluição aos moradores que muitas vezes não ligam para a saúde do rio, pois, ou não possuem nenhuma relação afetiva e financeira com o rio, ou não sabem que o estão prejudicando ao fazerem o descarte inadequado de resíduos. Assim como as emprestas privadas que costumam ganhar em cima dos aterros sem se preocupar com o rio.

Às vezes quem não pesca acha que não prejudica o pescador. Mas prejudica o pescador e prejudica... Todo mundo, a população toda. Porque quem não gosta de camarão, quem não gosta de peixe... E quando o rio se acaba, não tem nada disso, né? Não tem peixe, não tem camarão. Entendeu? E se você tem um emprego em uma Petrobras, em uma Energisa, em uma Deso, mas o pescador tem que sobreviver também. Ele não entrou no Deso, não conseguiu entrar na Petrobras, não conseguiu entrar na empresa boa. Mas o peixe que ele pegar para vender e comer é para sobreviver. É para ele alimentar a família dele também. Entendeu? Mas às vezes tem gente que não pensa nisso. Eu estou de boa, eu tenho meu salário, eu não estou ligando para ninguém. (Maçoni, 10 dez 2024)

Ele enxergar o poder público nesse cenário como muito omissos. “Eles viram as costas e não olham para esse lado”. Ele se recorda de vezes que saiu para pescar e o rio estava com cheiro de sabão, provavelmente, saídos das lavanderias e esgotos das casas. Essas transformações impactam diretamente na vida dos moradores, não apenas pescadores, uma vez que o pescador troca o peixe por dinheiro e o dinheiro pelo alimento. Então, o açougue da esquina e o mercadinho do bairro também são impactados.

Maçoni acredita que um dos impulsionadores para a transformação desse cenário seria conscientizar a população, principalmente os mais novos, e acima de tudo, cobrar das entidades governamentais os cuidados com o rio e com o mangue. “O rio precisa ser cuidado, sem esse cuidado a tendência é que ele sofra ainda mais.”

Esse relato nos convida a uma reflexão mais ampla sobre a responsabilidade coletiva em preservar os recursos naturais e respeitar os direitos das populações que dependem deles. A gestão do rio Poxim não é apenas um problema ambiental, mas um reflexo de políticas públicas insuficientes ou mal direcionadas. Nos distanciando um pouco de Maçoni e Irmão Reis, me volto agora para Rafaela e Tânia na comunidade do Pantanal.

4.2 AS MORADORAS DO PANTANAL (RAFAELA E TÂNIA)

Em um primeiro momento, trago a trajetória de vida de Rafaela de 21 anos, moradora natural do Pantanal. Atualmente sua ocupação econômica é como Jovem Aprendiz, ela reside com a família na comunidade desde a infância.

Para chegar à comunidade peguei dois ônibus 090 saindo do Terminal do Campus (Rosa Elze) e o 411 saindo do Terminal do DIA até o Inácio Barbosa. Apesar de ser relativamente

perto demorei 40 minutos para chegar até a comunidade. No momento da entrevista tinha alguns moradores sentados nas portas de suas casas. Tinha ainda um bazar à vista, um senhor deitado na rede, e uma senhora estendendo a bata do neto que é coroinha.

Apesar dos estigmas de violência que rodam a comunidade, durante o tempo em que estive no Pantanal, eu e meu colega fomos bem recepcionados por todos. A entrevista com Rafaela se deu às margens do Poxim (fotografia 21), uma vez que sua casa está localizada uma rua antes do rio. Na figura que se segue podemos ver que nesse trecho da comunidade, o rio fica bem rente à vila.



Figura 21– Vista do Rio dentro da Comunidade do Pantanal. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2024.

Rafaela relata que costumava tomar banho no rio junto com os irmãos quando criança. Hoje em dia ela diz que não dá mais, por conta da poluição do rio. Uma de suas memórias mais marcantes do rio foram as idas de barco todo domingo, durante a infância e pré-adolescência, até a casa da avó, no vizinho bairro do São Conrado. Em suas falas ela se queixa e se entristece com a poluição do rio e afirma que os moradores são negligentes com relação ao descarte de lixo e que a coleta apesar de frequente não possui um horário fixo. Durante a entrevista ela explicou sua relação com o rio:

Olha, atualmente não estou tendo muita relação mais, só que desde criança eu sempre fui muito apegada, né? Ah, eu saía para pegar caranguejo, tomava banho nele. Está calor, vamos dar um mergulho. Não podia ir à praia, porque não era sempre que a gente podia ir na praia, né? Mas aí, com o Rio no fundo de casa, a gente sempre ia dar um mergulho, ia pescar caranguejo, ia comer. Hoje em dia não é mais assim, não. Mas tem muita gente ainda que faz isso. (Rafaela, 18 dez. 2024).

Uma das coisas que mais chama atenção quando estamos na comunidade é a quantidade de lixo às margens do rio. Como podemos ver nas figuras 14 e 15 é comum encontrarmos entulhos, restos de construções, e dutos de esgoto despejando dejetos no leito do rio. Até mesmo durante a entrevista com Rafaela, vimos moradores jogando lixo na rua ou diretamente no rio, sem constrangimento algum.

Grande parte do lixo que é produzido pelos moradores vai para o rio, uma vez que na comunidade é comum o descarte inadequado. Segundo Rafaela, isso ocorre porque muitos moradores não têm conhecimento do descarte apropriado, e acabam jogando o lixo no próprio rio por ser mais “fácil”. Outro motivo evidenciado por ela, com relação ao descaso com o rio, foi o crescimento populacional do Pantanal, uma vez que a comunidade passou por algumas reformas e revitalizações urbanas, fazendo com que aumentasse o contingente de pessoas na comunidade. Segundo Rafaela, antes, com os moradores antigos, o rio era muito mais limpo, visto que a comunidade era habitada pelas próprias pessoas que ajudaram a construir o Pantanal, então tinha um sentimento de cuidado e consciência ecológica maior. Podemos ver isso em uma de suas falas:

Porque, assim, eu acho que, como aqui sempre foi muito criminalizado, não tinha muita gente, as pessoas pensavam: “aí, não gosta, não vou morar lá, porque é isso, porque é aquilo”. Então, era mais de boa. E aí, até então, não havia muita poluição, era mais o pessoal que meio que ajudou a construir o Pantanal mesmo, porque tem gente que veio morar aqui, não tinha nem casa, na beira da maré não tinha nem casa, era tudo barraco e tal. E aí, eu acho que esse pessoal mais antigo, que provavelmente a maioria não está mais viva, né? Eu acho que eles tinham mais consciência, porque, como eles ajudaram nisso, eles tinham mais essa consciência, mas aí foi chegando o povo, aí vai aumentando o descarte incorreto. (Rafaela, 18 dez 2024)

Podemos ver que a poluição em um primeiro momento afeta diretamente a paisagem e a saúde do rio, uma vez que a qualidade da água mudou, tornando-se mais escura. Assim como a quantidade de peixes e crustáceos que decaiu com o passar dos anos. Essas mudanças no Poxim, geraram mudanças também na dinâmica da própria comunidade, principalmente nos usos que se fazia do rio. Rafaela relata que o número de pescadores e embarcações diminuiu, assim como o de banhistas. Hoje as pessoas têm receio de entrar no rio por conta da poluição.

Quando questionada sobre o que a comunidade tem feito para mudar essa situação, ela relata que até o momento ninguém se prontificou, mas que em agosto de 2024, ela tomou a iniciativa de realizar um projeto de revitalização do rio, cujo nome dado foi “Jogando Limpo com a Maré”. Ela disse que teve a ideia após uma atividade passada pela professora do seu cursinho. O projeto teve como foco principal a limpeza do rio, mas ocorreram muitas outras atividades, como oficinas de reciclagem, onde os moradores aprenderam a fazer artesanato com garrafas pet; houve também brincadeiras com as crianças e adolescentes, envolvendo pinturas

e colagens. Ela nos conta que tiveram muitas embarcações no dia, muitos passeis de barco com pessoas fazendo a coleta do lixo dentro do próprio rio.

O modo como ela fala, mostra-nos que foi um momento de muita troca entre os moradores. A conversa sobre o projeto me levou a perguntar se teve a participação de algum representante político e ela contou que não quis envolver, que o intuito do projeto foi fazer algo da comunidade para a comunidade.

A gente não quer algo político, não. Porque a gente sabe como a comunidade é tratada aos olhos da política, da polícia e tal. Então, a gente quer fazer com que eles olhem para o rio e para si mesmo e se valorizem. Saibam o valor deles, entendeu? Foi justamente por isso. (Rafaela, 18 dez 2024)

Essa fala de Rafaela evidencia uma vontade de promover a autoestima e o reconhecimento de valor da comunidade, fugindo de uma abordagem diretamente política ou institucional. Ao mencionar a valorização do rio e a conexão da comunidade com esse valor, ela aponta para um caminho de fortalecimento identitário e autoconhecimento. É uma perspectiva que parece querer reconstruir laços a partir de uma relação mais simbólica.

Por fim, com relação ao futuro do rio ela se mostra muito triste, mas esperançosa:

Olha. Pelo andar da carruagem. Misericórdia, viu? Mas eu não queria não, que fosse assim. Porque assim, eu tenho esperança de que ainda vai mudar alguma coisa. Não vou mentir. Eu não vou mentir que eu vejo o Rio assim. Me dá vontade de estar ali. Tomando um banho. Bem tranquila. Só que desse jeito, eu acho que não dá para ninguém. Mas eu tenho muita esperança de que alguma coisa vai mudar. Para que possa ser como antes. Pelo menos, entendeu? Talvez não seja agora, né? Mas lá pra frente. Vai mudando aos poucos. Vai diminuindo a poluição. Que eu acho que seria bom pra todo mundo aqui.” (Rafaela, 18 dez 2024)

Já a outra interlocutora, Maria Tânia é integrante da Associação de Moradores do Pantanal. Ela tem 46 anos, e reside no Pantanal há mais ou menos 27-30 anos. Apesar de atualmente estar desempregada, costuma trabalhar em empresas privadas como encarregada. A entrevista com ela ocorreu no período da tarde, em sua casa.

No momento da visita ela, e em alguns instantes o seu marido e seus filhos. Achei enriquecedor ter a presença deles porque em alguns momentos o que era uma entrevista tornou-se uma conversa; um resgate do passado em que eles (mãe, pai e filha) esqueciam que eu estava ali e conversavam entre si sobre o rio.

Antes de se mudar definitivamente para o Pantanal, Tânia já frequentava a comunidade. Ela nos conta que o tio de seu marido tinha um barraco de madeira inacabado, o qual ela utilizava apenas para passar a noite, já que morava na casa da sogra, mãe de seu esposo. Com o tempo, Tânia e seu marido (Beto), foram estruturando o casebre e mudaram-se definitivamente. Ela relata que quando se mudou, o Pantanal era bem estreito ao ponto de passar apenas carroças e bicicletas e com pouquíssimas casas, sendo todas de palafita. O outro lado do

rio, que era coberto pelo mangue, era muito mais selvagem, com muito mato, que lembrava um canavial. Ela informou que antigamente costumava usar o rio como transporte, principalmente, para ir para a casa da sogra.

Quando questionada sobre sua relação com o Pantanal e com o rio, ela demonstra estar preocupada e ciente da poluição do rio:

Bom, com o Pantanal eu digo que a minha relação é um pouco puxada para bens sociais, entendeu? Para a comunidade. Eu faço parte da associação que a gente está abrindo agora. E essa é a minha relação com o Pantanal. Com o Rio é mais uma preocupação, de não encherem de lixo, para não transbordar essa coisa toda. Porque através dele... Hoje não, mas há um tempo atrás o rio Poxim era um meio de ganhos para os pescadores. Mas agora com a poluição que está... diminuiu bastante. Então a minha relação é essa, é me preocupar com o bem-estar do rio. (Tânia, 18 dez. 2024)

Tânia relatou que nunca gostou de tomar banho rio. Assume-se como uma mulher medrosa e diz ter medo, principalmente, dos jacarés e cobras que já avistou na maré e saindo do mangue. A conversa sobre esses animais, nos levou a uma pixação que tem no Pantanal. Logo, quando entramos na comunidade nos deparamos com um muro contendo algumas artes, uma delas é a palavra “Pantanize-se” e outra de um jacaré pescando em um barco. Segundo elas, Tânia e Rafaela, era para ser um peixe, mas como também é comum os moradores avistarem jacarés na maré, acharam também representativo usar a imagem desse animal. Na figura a seguir, podemos visualizar a pixação:



Figura 22 – Grafite na Comunidade do Pantanal. Fonte: Ana Caroline da Paz Santos, 2024.

Com relação aparência e à abundância do rio, ela descreve que o rio, anos atrás, era bem saudável e que possuía muitos peixes. Do quintal de sua casa, era possível enxergar o fundo do rio devido a limpidez e a transparência da água.

Ela relata que começou a notar as mudanças no rio, a partir do momento que a água começou a ficar mais escura e o número de pescadores diminuiu. A maioria desses pescadores foi procurar outro meio de sobrevivência em trabalhos alternativos, uma vez que não estavam conseguindo manter a família com a renda da pesca. Como exemplo, ela utiliza a história do próprio marido que hoje trabalha fazendo serviços gerais em um restaurante, mas que se fosse da vontade dele trabalharia com a pesca:

Ele gosta, ele gosta muito. Ele gosta de plantas, ele gosta de bichos, ele gosta do rio, ele gosta de estar de canoa para lá e para cá. Mas não tem como. Não é uma coisa que dá para sustentar a família, entendeu? Isso aí. Não tem como mais. Antigamente sim, mas hoje em dia não. (Tânia, 18 dez 2024)

Quando questionada sobre sua maior preocupação com relação ao rio, ela nos responde que é a poluição; que não é todo mundo da comunidade que tem a consciência de fazer o certo. Tânia atribui a poluição do rio, assim como Rafaela, aos moradores do Pantanal, mas também às fabricas que jogam dejetos químicos no rio. Ela recorda que havia dias que descia um produto azul, e poucos momentos depois os peixes apareciam mortos.

Sobre as mobilizações que estão sendo pensadas para amenizar a poluição do rio, ela comenta que a associação em conjunto com a comunidade, está pensando em, além de dar continuidade ao “Jogando Limpo com a Maré”, realizar projetos de reciclagens com bolsas e garrafas pet que são os mais prejudiciais para o rio, fortalecendo assim, principalmente, a participação dos mais jovens para poder conscientizá-los.

Ao ser indagada sobre as lendas e mitos envolvendo o rio, ela relembrou de histórias e aparições sobrenaturais, uma delas sobre uma suposta cobra gigante que fica no mangue. O marido de Tânia, Beto, disse ter visto uma cobra enrolada no mangue comendo uma garça. Os moradores também já viram duas bolas de fogo do tamanho de um pingue-pongue, que desciam flutuando dentro do rio. Quando eles jogavam pedra, mexiam, mas as bolas permaneciam intactas e acessas.

Nesse conjunto de histórias, ainda tem o Nego d'Água, o lobisomem da maré. O primeiro é uma figura folclórica ribeirinha muito conhecida em diversas regiões do Brasil, especialmente nas margens de rios como o São Francisco. Ele é descrito como um ser mitológico, geralmente associado ao cuidado com os rios e à preservação da natureza. Seria fusão de um homem negro e de uma criatura marinha. No entanto, dependendo do local onde aparece, o Nego d'Água assume diferentes formas, inclusive animais assustadores com o intuito de apavorar pescadores, principalmente os que gostam de pescar à noite (SOUSA, 2006, p. 08). Apesar de existirem diversos relatos de pescadores que viram o Nego d'Água, suas características sempre ganham particularidades locais e no Pantanal não poderia ser diferente.

Em conformidade com os relatos de Beto e Rafaela, na comunidade havia um homem que vivia nas margens do rio. Era recluso, calado e sozinho. Existia um boato de que a meia noite ele se transformava em lobisomem e ia para a maré. Os mais corajosos arriscavam olhar pela brecha de sua porta e viam sua transformação, ou então, ouviam o barulho de algo pulando na água, ou um cachorro enorme correndo para a maré.

Beto ainda se recorda de um pescador fantasma. Lembra que durante as madrugadas, ele e outros moradores, ouviam a batida do remo na água e o “pescador” jogando a tarrafa, mas que quando iam olhar não viam ninguém, apenas uma neblina envolvendo a maré.

Quando a gente veio morar aqui também tinha o barulho do barco, do pescador no barco, jogando tarrafa e tem um rapaz que hoje está morto. Ele começou, como ele era meio doido, ele tinha uma arma, ele começou a atirar. Quem é que está aí? Mas só via o barco jogando tarrafa. De madrugada. No quintal, a gente escutava assim. Quando a gente olhava para o lugar que estava fazendo a zoada, você podia ver só uma neblina. A gente escutava a batida do remo, quando nós pescamos não podemos estar remando e jogando tarrafa e batendo o remo no barco. Porque aí tudo que bate na madeira do barco, dá vibração embaixo do barco e os peixes correm. Aí ficava batendo. Aí daqui a pouco parava. E olhava e não via nada. Não via, não via nada. Inclusive no barracão lá atrás, a gente ficava bem em frente, a gente via bem o remo. E não aparecia ninguém. (Beto, 18 dez 2024).

As histórias compartilhadas representam a presença do rio no imaginário da comunidade, repleto de lendas e mitos que reforçam a conexão dos moradores com o ambiente natural. Entre essas histórias, destaca-se a suposta cobra gigante no mangue, vista por Beto, que reforça o mistério e o fascínio pelo ambiente natural. As bolas de fogo flutuantes, resistente às tentativas de interação, alimentam a aura sobrenatural e inexplicável do lugar. Além disso, surgem figuras emblemáticas como o Nego d'Água no papel de lobisomem da maré, para assustar a criançada, que se somam ao repertório de narrativas locais.

Tânia e Beto gravaram o pescador fantasma, cujos remos e tarrafas ecoavam nas madrugadas, mas que sempre desaparecia, deixando apenas uma nevasca na maré. Essas histórias não apenas mantêm viva a tradição oral, mas também ajudam a construir uma conexão simbólica entre os moradores e o rio, fazendo deste um espaço de mistério, respeito e magia.

A partir das narrativas de Rafaela e Tânia podemos constatar que o rio representa para elas muito mais que um elemento geográfico. A atuação de Tânia na associação em formação demonstra o desejo de promover melhorias para a região. Em relação ao Poxim, sua preocupação com a poluição e os impactos no meio ambiente refletem o cuidado com a sustentabilidade e a história local, especialmente com o papel que o rio desempenhou como fonte de renda para os pescadores. Para Rafaela, o rio representa as suas memórias de infância, as brincadeiras as suas margens, os medos dos mitos, os banhos no fim de tarde, as catas de

caranguejos e os passeios de barco. Essas lembranças correspondem as maneiras como ela ver e se relaciona com o rio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em minha experiência vivida e na realização do trabalho de campo, juntamente com a relação dos dados apanhados, a literatura especializada e o uso de fotografias como ferramenta visual, tive como objetivo principal aqui realizar uma análise dos modos de vida das populações ribeirinhas que habitam as margens do Rio Poxim em Aracaju-SE. Como demarcação espacial da pesquisa, concentrei-me especialmente no Bairro da Coroa do Meio e na Comunidade do Pantanal, situada no Bairro Inácio Barbosa, a fim de obter percepções locais sobre suas experiências sociais.

Nas primeiras considerações teóricas desta pesquisa, pude refletir sobre o papel dos rios citadinos enquanto um elemento integrador e marcante na paisagem urbana das cidades. Parafraseando Gandara (2017), os rios podem ser compreendidos não apenas como um elemento paisagístico ou um acidente geográfico, mas também como construtores sociais de uma história comum, correspondendo a “pontos de partida que marca e remarca o tempo das/nas cidades”. Gandara foi fundamental para a condução desta pesquisa, pois, ela percebe os rios como produtos e produtores históricos, ou seja, falar do território das águas e do ambiente urbano é tratar de uma situação “dialética complexa e inseparável” entre sujeitos e natureza. Assim, concluo que, além de seu valor paisagístico e de subsistência, os rios — no caso desta pesquisa, o rio Poxim — carregam narrativas históricas e sociais profundamente conectadas à formação e transformação das cidades. Por vezes, concorreram para o desenvolvimento da própria cidade. Os rios, além de fornecerem água para consumo e para atividades pesqueiras, facilitam a comunicação e impulsionam o comércio. Pode-se afirmar que correspondem a espaços que possibilitam a formação de um sujeito social, que, ao interagir com o ambiente, o transforma e é por ele transformado.

Com o intuito de compreender as dinâmicas sociais que permeiam a relação entre natureza e cultura nesse meio ambiente hídrico, recorri a estudos etnográficos clássicos e contemporâneos da antropologia sobre comunidades ribeirinhas. No final, constatei que, embora distintas no tempo e no espaço, as percepções e modos de fazer dos povos analisados pelos autores - Malinowski, Evans-Pritchard, Alves e Castro – permitem aproximações com a realidade de Aracaju e dos habitantes do Rio Poxim.

No segundo capítulo, foquei na contextualização da mudança da capital de Sergipe, oferecendo uma visão sobre os primeiros anos de Aracaju. A transferência foi motivada pelas

características geográficas que favoreciam os interesses comerciais, uma vez que as águas do estuário do rio Sergipe, facilitavam o transporte da produção de açúcar, principal fonte econômica da Província. No entanto, ao ser fundada, a capital não refletia nada além de sua natureza aquática e desafiadora. Vale destacar que a nova capital foi erguida em uma área até então inabitada e pantanosa, dominada apenas pela natureza hostil e de difícil acesso. Assim, os fatores geográficos atrasaram o processo de ocupação, e seus primeiros anos (1855–1921) foram marcados pelas constantes batalhas do homem contra a natureza e pela coragem de enfrentar as frequentes epidemias de febre e cólera, comuns no clima úmido e nas precárias condições de higiene (Ribeiro, 1989). Para o planejamento urbanístico da cidade foi dada a responsabilidade ao engenheiro José Sebastião Basílio Pirro e o projeto concebido por ele ficou conhecido como “Quadrado de Pirro”, pois possuía uma estrutura arquitetônica parecida com um tabuleiro de xadrez. Devido ao pouco conhecimento da área, muitos engenheiros, incluindo Pirro, exageraram no uso de aterros.

No período subsequente, entre 1900 e 1930, houve um notável desenvolvimento impulsionado pela intervenção do Governo Estadual na urbanização e embelezamento do núcleo urbano. Apesar de Aracaju contar com um plano urbanístico, a cidade crescia de forma espontânea nas áreas ao redor do traçado de Pirro. De acordo com Porto, no final desse período, a cidade começou a ocupar as planícies entre os rios e as dunas, além de se expandir para o noroeste, dando início ao arruamento para além do quadrado. Entre 1940 e 1960, a cidade experimentou um intenso crescimento. Segundo Loureiro, na segunda metade do século XX, especialmente a partir das décadas de 1960, ocorreu a ocupação gradual de áreas alagadiças mais afastadas. A ocupação desses vazios urbanos provavelmente se refere ao loteamento e aterramento de manguezais. Os fluxos migratórios, incluindo aqueles oriundos de outros estados, trouxeram um novo dinamismo para a cidade. O processo de urbanização gradualmente não conseguiu acompanhar o crescente número de pessoas que se dirigiam a Aracaju em busca de melhores condições de vida. Desse modo, a expansão urbana posterior resultou em um desenvolvimento desordenado, abandonando áreas com baixa qualidade de vida, caracterizadas pelo descuido das ruas e pela falta de saneamento. Na condução desse levantamento, pude constatar que a Aracaju se consolidou a partir de inúmeros aterros de áreas alagadas da cidade. A topografia natural da Capital, gradualmente, foi alterada por ações antrópicas e naturais. É nesse contexto que se inserem, posteriormente, os bairros do rio Poxim, cuja ocupação é recente. Nesse sentido, pude concluir que, tanto no passado como no presente, a malha fluvial sempre desempenhou papel primordial no processo de desenvolvimento da cidade.

Durante o trabalho de campo pude notar que em razão de sua elevada densidade populacional, esse rio se destaca por possibilitar diversas formas de sociabilidades cotidianas, vivenciadas por residentes tanto nas áreas nobres da cidade quanto nas regiões mais periféricas. Ao percorrer as suas margens, foi possível observar diversas interações e a cada uma delas a perspectiva da paisagem se altera, como se o rio também reagisse à cidade. Esse cenário é evidenciado no registro visual que acompanhou esse trabalho.

Em todas as visitas e trabalhos de campo, a poluição se revelou uma presença constante. Em determinadas áreas, o rio é invadido pelos quintais das residências. Além disso, em alguns condomínios, observei o despejo direto de esgoto em suas águas. A própria disposição dos prédios, na maioria das vezes voltados de costas para o rio e o manguezal, revela a postura da cidade e dos construtores em relação ao rio, ignorando sua presença. Em nenhum dos trechos em que passei a água era propícia para banho e em todos os relatos obtidos junto aos pescadores, eles relataram a diminuição na quantidade de peixes. As transformações que ocorreram no rio Poxim, principalmente, relacionadas a contaminação da água, interferem nos usos de muitos moradores, principalmente relacionada a pesca artesanal.

Todos os moradores expressam insatisfação com a poluição do rio e em suas falas, atribuem esse problema, principalmente, à ação humana, incluindo a expansão urbana, o despejo de resíduos industriais e químicos no rio, além da falta de consciência ambiental de alguns moradores, que também descartam lixo em suas águas. Quanto ao poder público, um dos interlocutores destaca que, diante desse cenário de degradação, sua atuação é escondida e omissa, contribuindo, sobretudo, para o controle da natureza

No que se refere às dinâmicas de sociabilidade e aos modos de habitar às margens do rio Poxim, na Coroa do Meio, destacam-se os pescadores artesanais Reis e Maçoni. Ambos adquiriram o ofício com seus pais, e dedicam-se exclusivamente à pesca no rio Poxim. Com bases nas entrevistas podemos notar que a percepção que eles têm do rio é de provedor, principalmente, de alimento. As principais recordações que eles possuem do rio estão relacionadas as histórias de pescador, das noites que passaram entre amigos na maré, das pescarias abundantes e das navegações. A Coroa do Meio, por estar muito próxima ao mangue, e por ser uma via em direção ao Poxim, era o encontro de pescadores de várias localidades.

Quanto aos ofícios e modos de fazer, eles detêm um vasto conhecimento sobre as particularidades do mangue, as espécies de peixes presentes no rio, os períodos e horários mais adequados para a pesca, os tipos de redes apropriadas para cada tipo de peixe, além da influência da lua nas marés.

É perceptível que eles sentem e percebem as transformações que ocorreram no rio e a necessidade de cuidado, esse sentimento pode ser evidenciado em muitas falas de Reis e Maçoni. Seus depoimentos confirmam que o rio não é apenas um meio de subsistência financeira, mas também uma extensão da identidade e da essência das vidas dos que habitam e trabalham nas suas margens. A fala de Irmão Reis, ao relacionar o rio à vida e ao ar que respira, carrega o simbolismo interdependência entre a natureza e sociedade. O mesmo se verifica com relação aos moradores do Pantanal.

Quando questionada sobre o tipo de relação que possui com o rio, nossas interlocutoras compartilham lembranças marcantes de viagens de barco para visitar parentes situado ao longo do perímetro hídrico. No Pantanal grande parte do lixo que é produzido pelos moradores vai para o rio, uma vez que na comunidade é comum o descarte inadequado, além disso muitas casas fazem do rio seus fundos de quintais, é possível ver os dutos de esgoto direcionado ao rio. Minhas interlocutoras expressam tristeza diante dessas situações, associando esse comportamento à falta de conhecimento sobre o descarte adequado e ao crescimento da população do Pantanal. Segundo elas, tanto os jovens quanto os moradores mais recentes são os principais responsáveis pelo descarte inadequado.

O rio também está repleto de “histórias do outro mundo” que seus moradores resgatam quando provocados, às vezes com um misto de tempo e de brincadeira. As narrativas compartilhadas por eles revelam a representação e a presença do rio no seu imaginário.

Concluo, pois, que o rio representa para seus moradores, muito mais que um elemento geográfico. Reflete as formas como esses sujeitos percebem e se relacionam com o mundo, representando o que Gandara denominou de “espaço-tempo vivido”.

Durante as incursões a campo, pude ter uma compreensão do rio Poxim que somente a experiência vivida permite. Ele revelou uma teia de interações e significados, incorporando as particularidades de cada comunidade. No futuro, pretendo expandir essas investigações para outras áreas do rio, buscando uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais ao longo de suas margens, bem como explorar a atuação de políticas ambientais e a participação das entidades estaduais e municipais frente à devastação do rio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fernanda Cordeiro De. **Manguezais Aracajuanos: convivendo com a devastação**. Recife: Fundação Nabuco, Editora Massangana, 2010.

ALVES, André (Org.). **Os argonautas do mangue**. Campinas: Editora UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Excursão à Província de Sergipe. Viajando para Aracaju no Rio Cotinguiba**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, vol. XXI. Aracaju: Livraria Regina, 1961.

BAPTISTA, Márcio Benedito; CARDOSO, Adriana Sales. **Rios e cidades: uma longa e sinuosa história**. In: Revista da UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 124-153, jul.-dez. 2013.

BARBOSA, Naide. **Em busca das imagens perdidas: centro histórico de Aracaju (1900/1940)**. Aracaju: FUNCAJU, 1992.

CABRAL, Mario. **Roteiro de Aracaju: Guia sentimental da cidade**. Aracaju: Regina, 1955.

CALAZANS, José. **Temas da Província**. Aracaju: Livraria Regina - Coleção Estudos Sergipanos, I – 1944. Aracaju e outros temas sergipanos – 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.

CAMARGO, Fernando Monteiro; PINTO, Felipe de Souza. **Das Margens Brotam as Cidades: Experiências Etnográficas entre Rios e Cidades**. Revistas Pensata, vol.06, nº.01, 2017.

CAPILÉ, Bruno. **Rios Urbanos e suas Adversidades: Repensando Maneiras de Ver as Cidades**. Revista HALAC. Guarapuava, vol.05, nº.01, 2016, p. 81-95.

CARDOSO, Amâncio. **A cidade de Palha: 1855-1895**. In: Revista de Aracaju, Aracaju, FUNCAJU, 2003.

CARDOSO, Amâncio. **Sob o signo da peste: Sergipe no tempo do cholera (1855-1856)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.

CASTRO, Érika Sousa Vieira de. **Parceiras de Maré: Uma etnografia sobre as pescadoras do Bom Jesus**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2019.

DELEUZE, Gilles. **A Ilhas Desertas e outros textos**. Textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2004.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

EVANS PRITCHARD, E. E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota**. Tradução de Ana M. Goldberger Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FEBVRE, Lucien. **O Reno: história, mitos e realidades**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2000.

FORTES NETO, Bonifácio. **Evolução da paisagem humana da cidade do Aracaju**. Aracaju: Regina, 1955.

FRIEDRICH, Daniela. **O parque linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbanas**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 2007.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rios: território das águas às margens das cidades: o caso dos rios de Uruaçu-GO**. Revista franco-brasileira de geografia, n. 31, 2017.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Maria Helena Kiffer. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2008.

LOUREIRO, Kátia Afonso Silva. **A trajetória Urbana de Aracaju em Tempo de Interferir**. Aracaju, Instituto de Economia e Pesquisa – INEP, 1983.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATOS, Alda Lisboa de; SANTOS, Anne Grazielle Costa; LIMA, Josiane Ferreira dos Santos. **Rio Poxim: História e Vida**. In: VASCO, Anderson Nascimento do; WANDERLEY, Lílian de Lins; SILVA, Marinoé Gonzaga da. **Rio Poxim [recurso eletrônico]: o rural, o urbano e o ambiental na bacia hidrográfica**. Aracaju: Instituto Federal de Sergipe, 2014. p. 32-53.

MENDONÇA FILHO, Cláudio Júlio. Mapeamento das áreas de preservação permanente na bacia urbana do baixo Poxim, no Bairro Jabotiana, Aracaju-SE. Anais do Encontro de Recursos Hídricos em Sergipe. VI, 19 a 22 de março de 2013, Aracaju-SE.

PEIRANO, Mariza. **Argonautas, cem anos depois**. Revista Horizontes Antropológicos, v. 27, p. 379-403, 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53. 2007, p. 11-23.

PORTO, Fernando. **A cidade do Aracaju: 1855-1865: ensaio de evolução urbana**. 2. ed. Aracaju: FUNDESC, 1991, p.17.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Relatos orais: do “indivisível” ao “divisível”**. In: Ciência e cultura. São Paulo: n. 3, v. 39, mar., 1987.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Santo Antônio do Aracaju: etnografia e narrativas sobre um lugar**. Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais, n. 49, p. 133-149, jul./dez. 2018.

RAFAEL, Ulisses Neves; SANTOS, Ana Caroline da Paz; SANTOS, Igor Tadeu Dias dos. **Aracaju anfíbia: representações dos espaços hídricos pelas populações ribeirinhas do estuário do rio Sergipe**. Revista Ambivalências, São Cristóvão SE, v. 12, n. 23, p. 219–242, 2024.

RIBEIRO, Neuza Maria Góis. **Transformação do espaço urbano: o caso de Aracaju**. Recife: Massagana, 1989.

SANTIAGO, Enoch. **Mudança da Capital**. Revista de Aracaju. Vol. IV. Aracaju, PMA, 1957.

SANTOS, Weslainy Lemos. **As transformações da paisagem urbana ao longo do rio Poxim em Aracaju-SE**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2021.

SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto. **O Rio como paisagem: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e Tecnologia, 1999.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SONTAG, Susana. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, André Felix de. **Sociabilidade pública: interação social e espaços públicos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, n. 58, p. 5-28, 2005.

SOUZA, Mari Guimarães. **Literatura Oral e Imaginário em Perspectiva de Expansão Através do Turismo Cultural**. Trabalho apresentado e publicado no II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – ENECULT, UFBA, 2006, Salvador BA, p. 01-15.

VASCO, Anderson Nascimento do et al. **Avaliação Espacial e Temporal da Qualidade da Água na Sub-bacia do Rio Poxim, Sergipe, Brasil**. Revista: Ambiental e Água. Vol. 6, Núm. 1, 2011, pp. 118-130.

WANDERLEY, Lílian de Lins. **A Dinâmica Geomorfológica E Urbano-Ambiental Do Sistema Flúvio Marinho Rio Sergipe-Rio Poxim, Em Aracaju, Sergipe, Nordeste Do Brasil**. Revista: Geonordeste, 2013. Pág. 57.

WEBER, Max. **Conceito e Categoria das Cidades**. In: VELHO, Otavio Guilherme (Org.). O fenômeno Urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987, p. 68-89.